



PODER, LUCROS E A PANDEMIA:

Da distribuição excessiva de lucros e dividendos de empresas para poucos para uma economia que funcione para todos

A crescente crise econômica desencadeada pela pandemia da COVID-19 é alimentada por um modelo econômico que, na grande maioria dos casos, vem obrigando trabalhadores de baixa renda – principalmente mulheres – a pagar o preço da pandemia sem contar com nenhuma proteção social ou financeira, enquanto permite que as maiores empresas do mundo distribuam bilhões de dólares em lucros para seus acionistas, um pequeno grupo de homens, na sua maioria brancos que vivem em nações ricas. Desde o início da pandemia, grandes empresas têm exacerbado seus impactos desiguais, priorizando seus lucros em detrimento da segurança dos trabalhadores, pressionando os custos para baixo na cadeia de suprimentos e usando sua influência política para moldar políticas de resposta à pandemia em seu favor. A COVID-19 deveria ser um catalisador de mudanças no sentido de conter radicalmente o poder das empresas, reestruturando modelos de negócios e recompensando com seus lucros todas as pessoas que efetivamente trabalham, criando uma economia para todos.

© Oxfam Internacional, setembro de 2020

Este documento foi redigido por Uwe Gneiting, Nicholas Lusiani e Irit Tamir. A Oxfam agradece a Lies Craeynest, Nick Galasso, Kauwel Qazi, Quentin Parrinello, Sofia del Valle, Lea Mansori, Danny Na e Annika Bruno por sua assistência na sua produção e a Bill Lazonick e Kenneth Amaeshi pela sua revisão. Este material faz parte de uma série de documentos produzidos para subsidiar debates públicos sobre questões relacionadas a políticas de desenvolvimento e humanitárias.

Para obter mais informações sobre as questões abordadas neste documento, favor enviar um e-mail para advocacy@oxfaminternational.org

Esta publicação é protegida por direitos autorais, mas seu texto pode ser usado gratuitamente em ações de advocacy, em campanhas e para fins educacionais e de pesquisa, desde que a fonte seja citada na íntegra. O titular dos direitos autorais solicita que todas essas utilizações sejam registradas para que seus impactos possam ser devidamente avaliados. Para cópias em quaisquer outras circunstâncias, reutilização em outras publicações ou tradução ou adaptação, será necessário solicitar sua permissão e poderá ser cobrada uma taxa. E-mail policyandpractice@oxfam.org.uk.

As informações contidas nesta publicação estão corretas no momento da sua impressão.

Publicado pela Oxfam GB para a Oxfam Internacional sob o ISBN 978-1-78748-638-6 em setembro de 2020.

DOI: 10.21201/2020.6386

Oxfam GB, Oxfam House, John Smith Drive, Cowley, Oxford, OX4 2JY, UK.

Foto da capa: Trabalhadores confeccionando equipamentos de proteção individual (EPI) para profissionais de saúde em uma fábrica de vestuário do Grupo Urmi em Dacca, em 31 de março de 2020. © Sk Hasan Ali

Foto da contracapa: Jodhpur, Rajashtbn, Índia. 30 de março de 2020. Idosa com máscara protetora vendendo alimentos na rua devido ao bloqueio sanitário imposto diante da COVID-19 na Índia. © stockpexel

ÍNDICE

Resumo	5
1. Introdução.....	10
2 A distribuição excessiva de lucros e dividendos a acionistas deixou empresas vulneráveis diante da COVID-19	13
Lucrativas, mas sem recursos.....	13
A distribuição excessiva de lucros e dividendos a acionistas está em alta	14
Mais do que apenas um problema de país rico	16
A bonança dos acionistas continua de vento em popa.....	19
3 O problema da acumulação de lucros em tempos de desespero... 21	21
Os ricos estão ficando mais ricos e empresas lucrativas mais lucrativas	21
Acionistas recuperam suas perdas enquanto os trabalhadores continuam sofrendo	24
Doações, apenas uma gota no balde	25
4 Priorização dos lucros em detrimento das pessoas	27
Empresas estão distribuindo lucros e dividendos aos seus acionistas enquanto recebem auxílios emergenciais do governo ou demitem trabalhadores	27
Colocando em risco a saúde dos funcionários	29
Transferência de custos e riscos para a cadeia de suprimentos	31
Auxílio emergencial para a ganância empresarial com dinheiro do contribuinte	33
Empresas estão influenciando políticas de resposta à COVID-19 em seu favor	34
5 Estamos caminhando para um futuro hiper desigual?.....	36
Mais concentração no topo da pirâmide econômica.....	36
Um setor de pequenas empresas em extinção	37
Muitos empregos podem não voltar - especialmente para mulheres.....	38
Pressões por privatizações à medida que a dívida pública aumenta.....	39
6 Começar de novo	41
Responder: Tributar superlucros durante a pandemia da COVID-19 em favor do bem maior	42
Reformar: Propósito, pessoas, lucros e poder.....	44
Propósito: redefinição do "porquê" das empresas	44
Pessoas: priorização das pessoas nas atividades empresariais.....	45
Lucros: garantia de uma parcela justa para as partes interessadas.....	46
Poder: plena transparência e reforma da governança corporativa.....	47
Reconstruir: Promoção de alternativas viáveis.....	48

NEGÓCIOS E COVID



400 MILHÕES DE EMPREGOS
SE PERDERAM DURANTE A PANDEMIA



Ainda assim, as 32 empresas mais lucrativas do mundo devem ganhar **R\$ 577 BILHÕES A MAIS EM 2020** do que em anos anteriores.

JEFF BEZOS PODERIA PAGAR A CADA UM DOS 876 MIL FUNCIONÁRIOS DA AMAZON

UM BÔNUS DE MAIS DE R\$ 530 MIL

E AINDA SERIA TÃO RICO QUANTO ERA NO INÍCIO DA PANDEMIA



EM MÉDIA, AS DOAÇÕES DAS 32 EMPRESAS MAIS LUCRATIVAS EM 2020 PARA O COMBATE À COVID-19 FOI DE



0,5%

DOS SEUS LUCROS EM 2019

Essas mesmas empresas distribuíram US\$ 1,3 trilhão a seus acionistas mais ricos nos 4 anos anteriores à pandemia.

DESDE JANEIRO DE 2020 ELAS JÁ PAGARAM US\$ 195 BILHÕES A SEUS ACIONISTAS, **OU 94% DOS SEUS LUCROS ESTE ANO.**

UM IMPOSTO SOBRE LUCROS OBTIDOS DURANTE A PANDEMIA PODERIA PAGAR POR...



TESTES CONTRA COVID-19 EM TODO O MUNDO



UMA VACINA CONTRA A DOENÇA PARA TODAS E TODOS



UMA FORÇA-TAREFA DE SAÚDE PÚBLICA GLOBAL

RESUMO

Estamos vivendo tempos de partir o coração. Seis meses após a Organização Mundial da Saúde ter declarado que a COVID-19 é uma pandemia, mais de 800.000 pessoas perderam suas vidas em decorrência da doença. Estima-se que 400 milhões de pessoas, a maioria mulheres, perderam seus empregos. Até meio bilhão de pessoas poderá ter sido empurrado para uma situação de pobreza até a pandemia acabar.

A pandemia expôs ainda mais a enorme lacuna entre os poucos e os muitos. Enquanto trabalhadores, suas famílias e empresas – especialmente pequenas e médias empresas – lutam para sobreviver, algumas grandes empresas têm conseguido se blindar das consequências econômicas da pandemia ou têm até lucrado com o desastre que ela tem provocado.

Os impactos econômicos desiguais da COVID-19 não são um fenômeno natural ou um acidente histórico. Eles poderiam ter sido abrandados e suas consequências arcadas em bases mais iguais. Os governos poderiam ter se preparado melhor, os trabalhadores poderiam ter sido melhor protegidos e empresas em dificuldades poderiam ter desenvolvido uma maior resiliência ao choque econômico.

Empresas exacerbaram os impactos econômicos da COVID-19 principalmente por três razões:

1. A distribuição excessiva de lucros e dividendos a acionistas antes da crise deixou empresas, trabalhadores e governos vulneráveis ao choque da pandemia

As maiores empresas do mundo poderiam ter uma grande reserva financeira em mãos quando a crise da COVID-19 eclodiu para proteger os trabalhadores, ajustar seus modelos de negócios e evitar a necessidade de dispendiosos pacotes públicos de auxílio emergencial. A década passada foi a mais lucrativa da história para as maiores empresas do mundo. Os lucros auferidos pelas empresas listadas na Global Fortune 500 aumentaram em 156%, de US\$ 820 bilhões em 2009 para US\$ 2,1 trilhões em 2019. O crescimento dos seus lucros foi muito maior que o do PIB mundial, permitindo que elas capturassem uma fatia cada vez maior do bolo econômico global.

No entanto, os lucros que auferiram antes da crise foram quase que exclusivamente distribuídos para um pequeno grupo de acionistas predominantemente ricos, em vez de serem reinvestidos em melhores empregos ou em tecnologias favoráveis ao clima entre 2010 e 2019, quando as empresas listadas no Índice S&P 500 distribuíram US\$ 9,1 trilhões em lucros e dividendos aos seus ricos acionistas – correspondentes a mais de 90% dos lucros que auferiram ao longo do mesmo período. Esses acionistas são, na sua maioria, homens brancos e ricos.

Uma nova análise realizada pela Oxfam revelou que as maiores empresas do mundo intensificaram sua distribuição de lucros aos seus acionistas nos quatro anos que antecederam a COVID-19. Do exercício fiscal de 2016 ao de 2019, as 59 empresas mais lucrativas do mundo distribuíram quase US\$ 2 trilhões aos seus acionistas. Esses pagamentos a acionistas equivaleram,

em média, a 83% do resultado líquido dessas empresas. Além de terem distribuído todos os seus lucros a acionistas, em alguns casos diversas empresas se endividaram ou recorreram às suas reservas para pagar seus ricos investidores. As empresas Chevron, Procter & Gamble, BP e Walmart foram algumas das que distribuíram as maiores somas a acionistas em 2019 como um percentual dos seus lucros. Em valores em dólares dos Estados Unidos, a Apple supera todas – só em 2019, a gigante tecnológica distribuiu US\$ 81 bilhões aos seus acionistas.

Muitas empresas que estão enfrentando problemas financeiros neste momento gastaram a maior parte dos seus lucros com distribuições a acionistas no ano passado. Só as dez maiores marcas de vestuário distribuíram US\$ 21 bilhões (uma média de 74% dos seus lucros no exercício fiscal de 2019) aos seus acionistas em dividendos e recompras de ações. Agora, milhões de trabalhadores do setor de vestuário, de Bangladesh ao México, perderam seus empregos porque empresas do setor cancelaram pedidos e se recusaram a pagar seus fornecedores.

A bonança dos acionistas não acabou com a eclosão da COVID-19. Segundo seus relatórios financeiros, a Microsoft e a Google distribuíram, respectivamente, mais de US\$ 21 bilhões e US\$ 15 bilhões aos seus acionistas. A despeito da queda na demanda por seus produtos durante a pandemia, a montadora Toyota distribuiu mais de 200% dos seus lucros para investidores desde janeiro. A BASF, a gigante alemã do setor químico, distribuiu mais de 400% dos seus lucros nos últimos 6 meses. A gigante farmacêutica americana AbbVie já distribuiu 184% do seu lucro líquido a acionistas nos primeiros dois trimestres de 2020. E três das empresas americanas mais proeminentes que desenvolvem vacinas para a COVID-19 com bilhões em dinheiro público – Johnson & Johnson, Merck e Pfizer – já distribuíram US\$ 16 bilhões aos seus acionistas desde janeiro.

Mas não foram apenas empresas lucrativas que continuaram a distribuir seus lucros a seus acionistas. As seis maiores empresas petrolíferas do mundo – Exxon Mobil, Total, Shell, Petrobras, Chevron e BP – tiveram, juntas, um prejuízo líquido de US\$ 61,7 bilhões de janeiro a julho de 2020, mas ainda assim conseguiram distribuir US\$ 31 bilhões aos seus acionistas no mesmo período. A Seplat Petroleum, a maior empresa de petróleo da Nigéria, distribuiu 132% dos seus lucros a acionistas nos primeiros seis meses de 2020, embora o país corra o risco de sofrer um colapso econômico.

A distribuição excessiva de lucros e dividendos a acionistas é uma má notícia para a eliminação da desigualdade, já que ela beneficia principalmente pessoas que já são ricas, não é usada para pagar melhores salários a trabalhadores comuns e canaliza incentivos de curto prazo para CEOs. Ela também exacerba a desigualdade de gênero, uma vez que a maioria das ações de empresas está nas mãos de homens e ela infla os pacotes de remuneração dos CEOs, a maioria dos quais são homens (apenas 14 CEOs [2,8%] das empresas listadas na Global Fortune 500 e nenhum dos CEOs das empresas listadas nos principais índices do mercado de ações no Brasil, África do Sul, França ou Alemanha são mulheres).

2. As empresas ganham dinheiro, mas pouco fazem para apoiar os recursos governamentais necessários para ações de resposta à pandemia

A COVID-19 reforçou o papel indispensável de governos eficazes e responsáveis na gestão de problemas que afetam a sociedade como um todo. Embora algumas empresas tenham auferido lucros gigantescos durante a pandemia, esses lucros pouco contribuíram para apoiar as lutas dos governos contra a COVID-19.

A análise da Oxfam demonstra em que medida algumas empresas estão auferindo lucros excedentes durante a pandemia. Estudando as demonstrações financeiras das empresas mais lucrativas dos Estados Unidos, Europa, Japão, Coreia do Sul, Austrália, Brasil, Índia, Nigéria e África do Sul, a Oxfam observou que 32 delas devem lucrar consideravelmente mais em 2020 do que em anos anteriores, nos quais já haviam auferido lucros significativos. Na verdade, 32 das empresas mais lucrativas do mundo devem, juntas, faturar US\$ 109 bilhões a mais durante a pandemia do que na média dos quatro anos anteriores, que já haviam sido bastante lucrativos. Como muitos dos bilionários do mundo também são alguns dos maiores acionistas dessas empresas, a fortuna dos 25 mais ricos entre eles aumentou em impressionantes US\$ 255 bilhões só entre meados de março e final de maio.

Alguns argumentariam que essas empresas compensaram esse aumento em seus lucros pagando mais impostos e ampliando suas generosas atividades filantrópicas, mas as evidências não corroboram esse argumento. Na verdade, estima-se que o governo dos Estados Unidos tenha perdido cerca de US\$ 135 bilhões em receitas devido à evasão fiscal de empresas em 2017. A filantropia corporativa, por sua vez, somou menos de US\$ 20 bilhões por ano. Da mesma maneira, as contribuições da responsabilidade social corporativa de empresas na Índia, que totalizam US\$ 6 bilhões, são pálidas em comparação com as perdas de receitas governamentais decorrentes da evasão fiscal de empresas, estimadas em US\$ 47 bilhões por ano.

No nível global, a análise da Oxfam concluiu que as doações feitas pelas maiores empresas do mundo durante a pandemia da COVID-19, representaram, em média, 0,32% da sua receita operacional em 2019, não constituindo, portanto, uma contribuição adequada, considerando os custos financeiros da crise e os grandes lucros que estão auferindo.

Em vez de depender de contribuições voluntárias, os governos deveriam adotar mecanismos mais eficazes para mobilizar recursos de grandes empresas em torno do combate à COVID-19. Considerando os lucros crescentes que algumas empresas estão auferindo enquanto muitas outras se afundam no abismo econômico, tributar os superlucros de grandes empresas seria uma maneira eficaz de garantir um verdadeiro sacrifício compartilhado. Um imposto sobre lucros durante a pandemia da COVID-19 no estilo do adotado durante a Segunda Guerra Mundial geraria bilhões de dólares em novas receitas necessárias para fazer frente às crescentes disparidades econômicas, raciais e de gênero expostas pela pandemia. Considerando apenas as 32 empresas globais que mais estão lucrando com a COVID-19, estima-se que poderiam ser geradas receitas de US\$ 104 bilhões em 2020 para fazer frente à COVID-19. Para se ter uma ideia do que isso significa, essa soma poderia cobrir todos os custos de testagem para COVID-19 e da produção de vacinas para todas as pessoas do planeta, além de garantir US\$ 33 bilhões a mais para se investir no desenvolvimento de uma força de trabalho para a linha de frente da saúde no século XXI.

3. Empresas que priorizam lucros em detrimento das pessoas acirraram a crise da COVID-19

"Eles precisam de trabalhadores para ganhar dinheiro, mas não se importam com a vida das pessoas. A granja continua funcionando, continua ganhando dinheiro... Se eles tivessem se importado com a saúde do meu marido, se o tivessem avisado sobre a febre, ele ainda estaria vivo agora."

– Viúva de um trabalhador de uma granja de Maryland¹

A despeito da retórica crescente da redefinição de um novo propósito para as empresas e de um regresso à normalidade após a COVID-19 baseado nos princípios da igualdade e da cidadania (de acordo com o conceito de *build back better*), poucas mudanças significativas estão sendo implementadas a partir dos escritórios dos executivos; pelo contrário, as respostas empresariais à COVID-19, com algumas exceções notáveis, têm exposto o fosso entre o compromisso e a prática.

A Oxfam identificou mais de 100 casos em todo o mundo (envolvendo mais de 400 empresas) nos quais empresas:

- continuam distribuindo lucros e dividendos a acionistas e mantendo programas de remuneração de executivos a despeito do auxílio emergencial que estão recebendo do governo e continuam a demitir trabalhadores;
- não estão garantindo a segurança dos seus funcionários e impedindo violações de leis trabalhistas;
- estão transferindo custos e riscos para as cadeias de suprimentos;
- têm lucrado com programas de auxílio emergencial do governo sem merecimento ou elegibilidade; e
- estão fazendo lobby junto a governos pela desregulação de proteções ambientais, fiscais e sociais.

A discrepância observada nos impactos econômicos da COVID-19 não é resultado do acaso, e sim de um modelo econômico que gera lucros para os ricos enquanto extrai valor dos muitos. A pandemia não gerou as atuais injustiças econômicas, raciais e de gênero: ela as expôs e ampliou.

A opção de valorizar os acionistas ao máximo em relação a todo o resto se sustenta no dinheiro e influência política de empresas poderosas e indivíduos ricos. Ela tem se perpetuado por trás de um discurso corporativo de duas caras de compromissos elevados, normas voluntárias e contribuições filantrópicas que têm, na prática, obstaculizado mudanças mais fundamentais no nosso sistema econômico.

A menos que mudemos de rumo, a desigualdade econômica aumentará e um número ainda menor de grandes empresas continuará a exercer seu crescente poder econômico e político em detrimento de pequenas empresas, trabalhadores e instituições democráticas.

É mais do que a hora de os governos criarem incentivos e imponham limitações no sentido de conter radicalmente o poder corporativo, reestruturar modelos de negócios com objetivos bem definidos e

recompensar todos os que criam valor. Isso poderia criar uma economia pós-COVID para todos com maior capacidade de resistir a choques futuros – inclusive ao impacto das mudanças climáticas – e, ao mesmo tempo, proteger as pessoas mais afetadas pela pobreza.

Este relatório propõe um projeto dessa natureza. Tudo começa e termina com um modelo econômico que prioriza as pessoas, protege as mais vulneráveis, compartilha lucros de forma equitativa e se baseia na democracia. Seu ponto de partida reside na tributação dos lucros excedentes auferidos durante a pandemia em prol do bem público.

Este documento propõe que os formuladores de políticas e líderes empresariais concentrem seus esforços em quatro pilares – propósito, pessoas, lucros e poder – para que possamos avançar nessa direção:

- Propósito: redefinição do "porquê" das empresas
- Pessoas: priorização das pessoas nas atividades empresariais
- Lucros: garantia de uma parcela justa dos lucros para todas as partes interessadas
- Poder: mudanças na governança corporativa

1 INTRODUÇÃO

A COVID-19 representa uma das crises globais de saúde mais graves dos nossos tempos – que provocou um dos choques econômicos mais severos já vistos. Em todo o mundo, empresas – tanto grandes como pequenas – estão sofrendo em decorrência da pressão financeira gerada pela pandemia e das políticas adotadas pelos governos para fazer frente a ela. Milhões de trabalhadores e suas famílias em todo o mundo perderam suas rendas em decorrência da contração de mercados, do fechamento de empresas e do cancelamento de contratos com fornecedores. Até meio bilhão de pessoas poderá ter sido empurrado para uma situação de pobreza quando a pandemia acabar.² Até o final do ano, mais pessoas podem morrer de fome em decorrência de circunstâncias relacionadas à COVID-19 do que da doença em si.³

A crise global está afetando mais profundamente os mais vulneráveis – de trabalhadores em fábricas de processamento de carne nos Estados Unidos, Brasil e Europa a pequenos agricultores na África Ocidental, trabalhadores em fábricas de vestuário no Sudeste Asiático e trabalhadores urbanos informais em Lagos, Nova Iorque, Nova Déli e São Paulo. Muitos dos trabalhadores mais vulneráveis do mundo são mulheres, pertencem a minorias raciais e étnicas e são migrantes.⁴ O que todos têm em comum é a falta de proteção e poder em um sistema econômico que não tem conseguido administrar as consequências da COVID-19 adequadamente.

A crise expôs desigualdades globais gritantes na capacidade de resposta a crises disruptivas e riscos. Os trabalhadores do mundo são os que mais sofrem com os impactos econômicos e sanitários da pandemia. O equivalente a 400 milhões de empregos em tempo integral foram perdidos em todo mundo nos primeiros dois trimestres de 2020.⁵ Os trabalhadores mais vulneráveis (de baixa renda, informais, mulheres) são os que mais provavelmente perderão seus empregos. Nos Estados Unidos, os empregos de baixa renda sofreram uma queda de 35% desde fevereiro.⁶

Os trabalhadores informais têm sido severamente afetados, uma vez que muitos deles não têm acesso a sistemas de proteção trabalhista ou social e a auxílios emergenciais governamentais.⁷ Trabalhadores migrantes também têm sido desproporcionalmente afetados. Na Índia, com seu número estimado de 100 milhões de trabalhadores migrantes, a COVID-19 gerou grandes deslocamentos de pessoas que não tiveram outra opção senão tentar retornar aos seus vilarejos de origem. Muitas delas não tiveram meios para chegar ao seu destino e ficaram pelo caminho, foram detidas, sofreram abusos e se viram forçadas a sobreviver sem nenhuma renda ou proteção.⁸

A perda de empregos afetou mais mulheres do que homens e pode minar os avanços logrados no empoderamento econômico das mulheres em todo o mundo. Mulheres estão super-representadas em muitos dos setores mais afetados pela pandemia.⁹ Por essa razão, estima-se que 54% dos empregos perdidos serão de mulheres, embora elas constituam menos de 40% da força de trabalho global.¹⁰ Além disso, a carga de trabalho não remunerado de mulheres que cuidam de familiares aumentou dramaticamente, reforçando as barreiras à igualdade econômica.¹¹

No entanto, do outro lado do fosso da pandemia, nem todas as pessoas estão sofrendo. Enquanto trabalhadores e pequenas empresas lutam para sobreviver, muitas das maiores empresas do mundo estão usando seu poder econômico e político para se blindar das consequências da pandemia. Algumas estão até auferindo lucros altíssimos, na melhor das hipóteses porque atuam em um setor que se beneficiou com a pandemia e, na pior, porque estão lucrando às custas das pessoas que estão arcando com os custos da pandemia. Essas empresas estão lucrando com a COVID-19 – acumulando uma riqueza significativa para seus acionistas, altos executivos e titulares, um pequeno grupo de homens, na maioria bilionários brancos que vivem em países ricos.

EMPRESAS QUE ESTÃO SE COMPORTANDO MAL NA ERA DA COVID-19

Seis meses após o início da pandemia, a Oxfam está lançando luz sobre o papel e as respostas das empresas diante da COVID-19. Muitas empresas, especialmente pequenas empresas que não contam com apoio dos seus governos, foram duramente atingidas pela crise. Elas foram forçadas a encerrar atividades para proteger seus trabalhadores e clientes. Alguns sofreram forte pressões econômicas devido à queda que sofreram nas suas receitas.

A Oxfam reconhece as dificuldades sem precedentes que a COVID-19 está gerando para muitas empresas. No entanto, essa é apenas metade da história. Este relatório destaca como as empresas não estavam adequadamente preparadas para enfrentar as consequências econômicas da COVID-19 e fazer frente a elas.

O despreparo das empresas e sua falta de mecanismos para fazer frente à pandemia não é um fato fortuito, e sim o resultado de um modelo econômico que as levou a concentrar seus esforços na obtenção de lucros no curto prazo, na maximização das suas eficiências, em limitar o poder dos trabalhadores e de outras partes interessadas e na priorização de ganhos para seus acionistas e executivos ricos em detrimento dos trabalhadores.

Esse modelo de negócios que prioriza o acionista minou a capacidade de empresas e de seus funcionários de fazer frente à crise disruptiva gerada pela pandemia. Quando a crise da COVID-19 eclodiu, muitas empresas não haviam investido em uma força de trabalho resiliente, mantido reservas de caixa suficientes para suportar uma queda temporária nas suas receitas ou ajudado seus governos a ter os recursos necessários para construir sistemas robustos de proteção social universal.

Este relatório aborda as seguintes questões:

- **O despreparo das empresas.** Muitas empresas optaram por recompensar acionistas e CEOs em vez de reinvestir seus lucros em empregos decentes, de pagar sua parcela de impostos e de ajustar seus modelos de negócios para fazer frente a crises disruptivas. Essa opção das empresas deixou muitos governos e trabalhadores vulneráveis aos

impactos da COVID-19. O **Capítulo 2** considera essa questão detalhadamente.

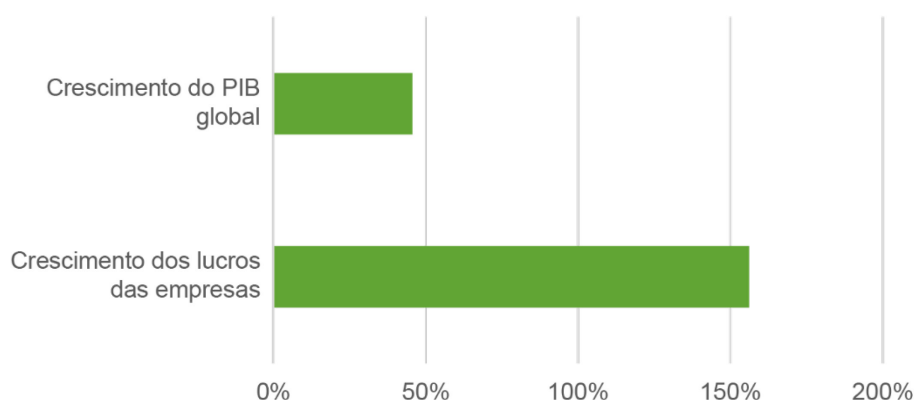
- **O problema do auferimento de lucros durante a pandemia.** As respostas de muitas empresas exacerbaram os impactos desiguais da pandemia. Algumas empresas estão auferindo lucros que excedem os registrados em anos anteriores (os chamados "superlucros") – priorizando seus acionistas, CEOs e altos executivos em detrimento da sociedade maior que está arcando com as consequências da pandemia. O **Capítulo 3** analisa essa questão.
- **A prática das empresas de priorizar lucros em detrimento das pessoas.** Algumas empresas demitiram trabalhadores, mas continuaram a distribuir seus lucros e dividendos a executivos e acionistas, a priorizar lucros no curto prazo em detrimento da saúde dos trabalhadores e a usar seu poder político para garantir apoio do governo ou isenções de requisitos regulatórios. O **Capítulo 4** aborda essa questão.
- O **capítulo 5** considera os riscos de uma economia futura na qual um grupo ainda menor de grandes empresas globais exerceria um poder econômico e político ainda maior em detrimento de pequenas empresas, trabalhadores e instituições democráticas.
- O **Capítulo 6** propõe um imposto sobre lucros excedentes durante a pandemia da COVID-19 para inculcar um senso de sacrifício compartilhado e gerar recursos para a luta dos governos contra a COVID-19 e apresenta, na sua conclusão, um projeto de modelo econômico baseado em princípios democráticos que prioriza as pessoas, protege as mais vulneráveis e compartilha os lucros equitativamente.

2 A DISTRIBUIÇÃO EXCESSIVA DE LUCROS E DIVIDENDOS A ACIONISTAS DEIXOU EMPRESAS VULNERÁVEIS DIANTE DA COVID-19

LUCRATIVAS, MAS SEM RECURSOS

As maiores empresas do mundo poderiam ter tido muito dinheiro em caixa quando a crise da COVID-19 eclodiu. A década passada foi a mais lucrativa da história para as maiores empresas do mundo. Os lucros das empresas listadas na Global Fortune 500 aumentaram em 156%, de US\$ 820 bilhões em 2009 para US\$ 2,1 trilhões em 2019.¹² Fora da Europa e dos Estados Unidos, empresas como a Dangote na Nigéria ou a Reliance na Índia geraram uma parcela cada vez maior dos lucros corporativos globais registrados na década passada e exercem um imenso poder em seus países de origem.¹³

Figura 1: Crescimento dos lucros das empresas listadas na Global Fortune 500 versus crescimento do PIB global em 2009–2019



Fonte: Cálculos baseados em dados da Global Fortune 500, <https://fortune.com/global500/>, e do Banco Mundial, <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?end=2018&start=2009>

No entanto, a maior parte desses lucros não foi investida na capacidade produtiva das próprias empresas, como em salários mais altos para seus funcionários ou na qualidade dos seus empregos. Na verdade, a lucratividade de muitas grandes empresas na década passada contrasta

fortemente com a experiência da maioria dos trabalhadores em todo o mundo. Salários estagnados e más condições de trabalho continuam a constituir um desafio global generalizado.¹⁴

Os lucros corporativos também não geraram recursos para governos (na forma, por exemplo, de pagamentos de impostos), que poderiam ter sido investidos em programas de proteção social, no fortalecimento da infraestrutura de saúde pública e em um quadro de profissionais de saúde da linha de frente altamente capacitados e bem remunerados. Embora as estimativas variem, o total de perdas fiscais globais anuais decorrentes da evasão fiscal de empresas pode chegar a US\$ 600 bilhões por ano, incluindo US\$ 200 bilhões para países de baixa renda particularmente dependentes de impostos corporativos para financiar serviços públicos.¹⁵

Se os lucros corporativos tivessem sido investidos no fortalecimento dos trabalhadores e dos governos, tanto as empresas quanto a sociedade como um todo estariam mais bem preparadas para enfrentar os impactos da COVID-19.¹⁶

Em vez disso, os lucros auferidos pelas empresas na década passada foram, na sua grande maioria, distribuídos a acionistas ricos. Ativamente estimulada por opções dos formuladores de políticas, essa filosofia de priorizar o acionista, com base na qual empresas extraem o máximo de lucros para aplacar acionistas e executivos, tornou-se a tendência predominante entre as maiores empresas do mundo. Com isso, elas se expuseram ao risco de abrir mão da sua capacidade de investir nos seus funcionários, de inovar e de se adaptar à próxima e iminente ameaça desestabilizadora, a das mudanças climáticas.

Longe de ser um estado natural das coisas, muitos executivos têm sido os maiores responsáveis pelas decisões de canalizar os lucros das empresas para acionistas (inclusive para eles próprios) e não para satisfazer o bem público. Em muitas partes do mundo, a remuneração dos executivos deixou de refletir o sucesso de uma empresa na criação de valor e passou a constituir uma recompensa pela tomada de decisões que aumentam os preços das ações. Como exemplo desse fato, a remuneração de executivos americanos com base no preço de ações aumentou, em média, de 60% para 85% desde a crise financeira global de 2008.¹⁷

A DISTRIBUIÇÃO EXCESSIVA DE LUCROS E DIVIDENDOS A ACIONISTAS ESTÁ EM ALTA

A extensão e a maneira pela qual as empresas estão distribuindo lucros aos seus acionistas por meio de dividendos e recompras de ações constituem um fenômeno sem precedentes. Entre 2010 e 2019, as empresas listadas no Índice S&P 500 gastaram US\$ 9,1 trilhões com a distribuição de lucros aos seus acionistas – valor equivalente a mais de 90% dos seus lucros no mesmo período. Em três dos quatro anos mais recentes para os quais há dados disponíveis (2015, 2016 e 2018), as empresas gastaram, em média, mais de 100% dos seus lucros com distribuições a acionistas.¹⁸ Em outras

palavras, muitas empresas não apenas distribuíram todos os seus lucros aos seus acionistas, mas em alguns casos se endividaram (aproveitando as baixas taxas de juros aplicadas a empréstimos atualmente) ou recorreram às suas reservas para pagar investidores ricos e aumentar o preço das suas ações. Não é de se surpreender, portanto, que a dívida líquida das empresas listadas no S&P tenha praticamente dobrado desde 2015, a despeito da sua alta lucratividade.¹⁹

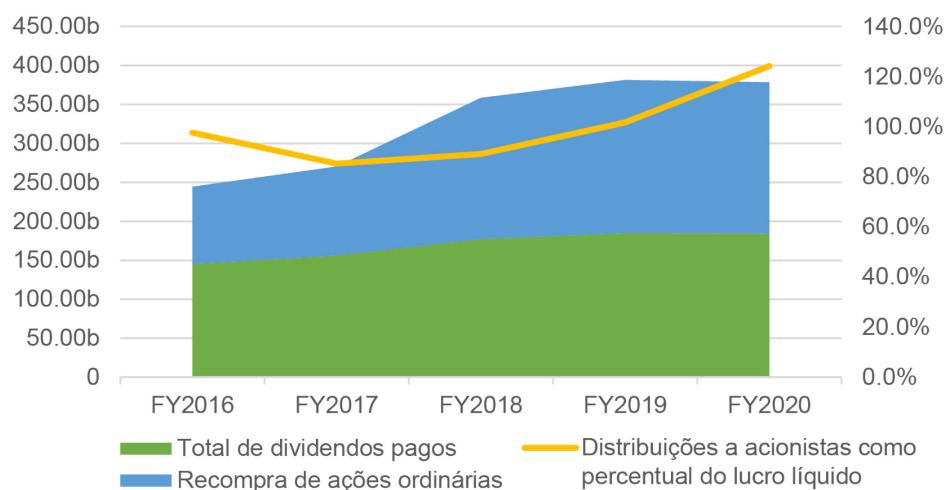
Ampliando a sua análise para o nível global, a Oxfam estudou os registros financeiros de 59 das empresas mais lucrativas dos Estados Unidos, Europa, Japão, Coreia do Sul, Austrália, Brasil, Índia, Nigéria e África do Sul referentes aos últimos cinco anos para entender quanto do lucro líquido dessas empresas foi distribuído aos seus acionistas.²⁰ Nesse processo, foram identificadas algumas tendências surpreendentes.

As empresas mais lucrativas do mundo passaram os quatro anos que precederam a eclosão da crise da COVID-19 intensificando sua distribuição de lucros a acionistas. Do exercício fiscal de 2016 ao de 2019, essas 59 empresas distribuíram US\$ 1,8 trilhão para acionistas (a maioria dos quais ricos), transferindo, em média, 84% dos seus lucros a eles.²¹ As empresas Chevron,²² Procter & Gamble e BP foram algumas das que distribuíram as maiores somas como um percentual dos seus lucros a acionistas no exercício fiscal de 2019. Em valores em dólares dos Estados Unidos, a Apple supera todas – só em 2019, ela distribuiu US\$ 81 bilhões aos seus acionistas.²³

Embora as empresas americanas gastem, na média, mais com recompras e dividendos, esse fenômeno não é exclusivamente americano. Uma análise recente da Oxfam revelou que muitas empresas europeias também são campeãs na distribuição de lucros e dividendos a investidores, inclusive a BP, a Shell e a Nestlé.²⁴ Na verdade, empresas europeias têm aumentado a distribuição de lucros e dividendos aos seus acionistas em detrimento de investimentos na capacidade produtiva e em oportunidades de emprego.²⁵ Uma análise recente da Oxfam na França destacou como as 40 maiores empresas francesas (listadas no índice CAC 40) aumentaram suas distribuições a acionistas em 70% e a remuneração dos seus CEOs em 60%, enquanto os salários médios aumentaram apenas 20% entre 2009 e 2018.²⁶ A análise concluiu que essas empresas poderiam ter financiado 98% das suas necessidades de investimentos relacionados ao clima se tivessem limitado suas distribuições a acionistas a uma taxa de 30%.²⁷

Enfocando um grupo menor das 25 maiores empresas do mundo, observamos que o ano de 2019 marca o auge da mentalidade empresarial de priorizar o acionista.

Figura 2: Taxas de distribuição de lucros e dividendos a acionistas das 25 empresas mais lucrativas listadas no índice S&P Global 100 nos exercícios fiscais de 2016 a 2020 (em dólares dos Estados Unidos)



Fonte: Análise da Oxfam baseada nas demonstrações de resultados das empresas; Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's

Dito isto, nem todas as empresas distribuem seus lucros e dividendos aos seus acionistas na mesma proporção, o que demonstra como essa opção é uma escolha estratégica e não uma necessidade empresarial. Entre as 25 maiores empresas do mundo, enquanto 12 distribuíram, em média, mais de 100% dos seus lucros líquidos a acionistas em 2019, seis delas distribuíram menos de 70%.

As práticas adotadas pelas empresas para distribuir seus lucros a acionistas tiveram um efeito tangível sobre a resposta à COVID-19. Uma pesquisa recente indica que as estratégias empresariais de maximizar distribuições a acionistas estão aprofundando a recessão e aumentando os custos do governo.²⁸ Considere, por exemplo, o setor de aviação dos Estados Unidos, que contou com um auxílio emergencial de US\$ 50 bilhões de dinheiro do contribuinte após as empresas do setor terem gasto quase o mesmo valor em distribuições de lucros a acionistas desde 2015.²⁹ A indústria aérea global já registrou uma perda de 400.000 empregos.³⁰ Na mesma linha, a escassez de equipamentos de proteção individual (EPI) e de testes para a COVID-19 tem sido atribuída à prática de empresas do setor de saúde de distribuir a maior parte dos seus lucros a acionistas.³¹

MAIS DO QUE APENAS UM PROBLEMA DE PAÍS RICO

Embora empresas americanas e algumas empresas europeias superem outras de longe na priorização de acionistas ricos, a distribuição de dividendos por grandes empresas em países de baixa e média renda aumentou 58% entre 2016 e 2019 (de US\$ 88,7 bilhões para US\$ 140 bilhões).³² Uma tendência crescente no sentido da adoção de políticas favoráveis a acionistas ajudou a tornar os dividendos mais atraentes. No

Brasil, por exemplo, acionistas não precisam pagar nenhum imposto sobre dividendos desde 1995.³³

Embora as recompras de ações sejam menos comuns fora de países ricos, seu valor aumentou significativamente, de US\$ 6 bilhões em 2000 para US\$ 34 bilhões em 2018.³⁴ Em alguns países, como na Índia, as recompras de ações tiveram um crescimento significativo (de US\$ 8 bilhões em 2018) até que o governo começou a tributar a prática em 2019.³⁵

As empresas sul-africanas estão cada vez mais favorecendo a recompra de ações em relação aos dividendos como a principal forma de distribuir seus lucros a acionistas.³⁶ Na Índia, as recompras tiveram um crescimento significativo (de US\$ 8 bilhões em 2018) até que o governo começou a tributar a prática em 2019³⁷. O setor de saúde sul-africano oferece um bom exemplo desse fenômeno. A Oxfam África do Sul observou que, período de 2016 a 2019, as três maiores empresas do setor de saúde – Netcare, Mediclinic e Life Healthcare Group – tiveram uma receita mais baixa (US\$ 670 milhões em receitas líquidas) do que pagaram aos seus acionistas em dividendos e recompras de ações (US\$ 1,1 bilhão). Esse valor corresponde a uma taxa de distribuição de lucros e dividendos a acionistas de 163%.³⁸

Não é por acaso que os enormes ganhos obtidos por esses acionistas coincidiram com a deterioração das condições de trabalho dos profissionais de saúde na África do Sul. Os salários de enfermeiras e enfermeiros e de trabalhadores comunitários de saúde se estagnaram e os empregos nessas áreas foram sendo gradualmente destituídos de elementos de segurança, previsibilidade e benefícios, como assistência médica e jornada mínima de trabalho garantida.³⁹ O tratamento inadequado dos profissionais de saúde na África do Sul tem comprometido a qualidade do sistema de saúde, deixando-o parcialmente mal preparado para enfrentar choques como o da COVID-19.⁴⁰

Uma nova análise da Oxfam revelou que outras grandes empresas de países de baixa e média renda apresentavam taxas elevadas de distribuição de lucros e dividendos nos últimos anos. Os exemplos incluem o da gigante sul-africana das telecomunicações MTN e o de uma das maiores empresas nigerianas, a Nigerian Breweries.⁴¹

Quadro 1: Por que as distribuições excessivas de lucros e dividendos a acionistas exacerbam a desigualdade

A decisão de empresas de distribuir parte dos seus lucros a acionistas não constitui um fenômeno recente. O uso de dividendos para esse fim é uma prática abertamente adotada e bem conhecida. A decisão delas de recomprar suas próprias ações no mercado aberto – executando “recompras” – é um mecanismo mais recente, menos conhecido e mais polêmico. Enquanto os dividendos recompensam detentores de ações, as recompras de ações recompensam vendedores oportunistas, como administradores de cobertura, banqueiros de investimento e executivos de empresas.⁴² Elas são uma ferramenta fundamental para práticas de investimento especulativo e manipulativo que, além de minarem o potencial das empresas de fazer investimentos produtivos, prejudicam também o funcionamento sustentável dos mercados financeiros. Nos Estados Unidos, a prática da recompra de ações havia sido banida do mercado até 1982.⁴³

O uso das duas ferramentas é legítimo. Os dividendos podem permitir que famílias obtenham algum rendimento de alguma reserva que usem para comprar ações. Em alguns poucos casos, uma empresa pode recomprar suas próprias ações para posteriormente distribuí-las aos seus funcionários como parte da sua

remuneração. No entanto, com uma frequência muito maior essas recompras são usadas para manipular o mercado no sentido de aumentar o preço das ações da empresa, permitindo que corretores de ações bem posicionados obtenham ganhos financeiros com a sua venda.

Há três maneiras principais pelas quais a distribuição excessiva de lucros a acionistas – tanto na forma de dividendos quanto de recompras de ações – exacerbam a desigualdade:

Ela beneficia desproporcionalmente pessoas que já são ricas

- A titularidade de ações é direcionada para grupos de renda mais alta. A maioria das pessoas que trabalham duro não é beneficiada dessa maneira pelos lucros das empresas e muito menos as que vivem em situação de pobreza. Além disso, a titularidade de ações de empresas é marcada por um viés de raça e gênero.
- Nos Estados Unidos, os 10% mais ricos dos americanos detêm atualmente 89% de todas as ações de empresas, enquanto os 50% mais pobres não detêm nem mesmo 1% dessas ações.⁴⁴
- Americanos brancos, que representam 60 por cento da população do país,⁴⁵ detêm 92 por cento de todas as ações de empresas,⁴⁶ enquanto famílias negras e latinas – que representam 13 e 18 por cento da população, respectivamente⁴⁷ – detêm apenas 1,6 por cento dessas ações cada.
- No Reino Unido, os 10% mais ricos detêm 46% de toda a riqueza previdenciária, enquanto os 10% mais pobres detêm menos de 1%.⁴⁸
- Na França, as participações acionárias tornaram-se mais concentradas desde a crise financeira global, após a qual o número de acionistas ricos (carteiras de mais de 450.000 euros) aumentou 54%.⁴⁹
- Sul-africanos negros detêm apenas 23% das ações das 100 maiores empresas do país, embora representem 80% da sua população.⁵⁰
- Apenas 11,6% dos bilionários globais são mulheres. Só os bilionários dos Estados Unidos detêm 36% da riqueza dos bilionários globais.⁵¹
- A probabilidade de mulheres terem ações de empresas é menor que a de homens. Na Alemanha, a proporção de homens com ações é 60% maior que a de mulheres.⁵² Nos Estados Unidos, a participação de mulheres em planos de poupança para aposentadoria (a forma básica de participação em mercados de ações) é significativamente menor que a de homens.⁵³

Ela restringe investimentos no trabalhador

Os defensores do modelo de priorizar o acionista afirmam que os CEOs só pagam acionistas após suas empresas esgotarem suas oportunidades de investimento.⁵⁴ Essa afirmação não condiz com a realidade. Ao maximizarem ganhos para acionistas, os CEOs estão cedendo a uma expectativa de mercado observada nas últimas décadas e deixando de cumprir um requisito legal ou de gerir com sabedoria as empresas que controlam. A pesquisa revelou que o fato de os executivos estarem maximizando ganhos para acionistas pode gerar uma dinâmica de corrida ao fundo do poço em termos de cortes em custos operacionais (por exemplo, de mão de obra) e aumentar os preços de produtos para gerar mais lucros para as suas empresas.⁵⁵

Ela distorce a estrutura de incentivos para CEOs e exacerba disparidades salariais entre CEOs e trabalhadores

A distribuição de lucros e dividendos a acionistas está estreitamente relacionada às estruturas de incentivos para CEOs, cuja remuneração está cada vez mais vinculada ao rendimento de ações. Nos Estados Unidos, o componente baseado em ações da remuneração total de executivos aumentou de 60% para 85% na década passada. Esse aumento tem desempenhado um papel-chave nas decisões sobre alocação de recursos das empresas e explica por que a diferença entre as taxas de remuneração de CEOs e de trabalhadores vem aumentando explosivamente. Por estar tão fortemente baseada em opções de compra de ações realizadas e na concessão de prêmios em ações, a remuneração ajustada pela inflação dos maiores CEOs dos Estados Unidos aumentou 940,3% desde

1978. Em contraste, a remuneração anual de um trabalhador típico aumentou 11,9%⁵⁶ ao longo do mesmo período. Tudo isso cria um incentivo pessoal muito forte para que altos executivos aumentem suas recompras e vendam suas ações simultaneamente. Efetivamente, uma análise recente da Comissão de Valores Imobiliários dos Estados Unidos (SEC) revelou que as vendas de ações baseadas em informações privilegiadas dispararam em períodos de recompra.⁵⁷ Esse fenômeno também foi tema de uma recente proposta de acionistas apresentada pela Oxfam.⁵⁸

A BONANÇA DOS ACIONISTAS CONTINUA DE VENTO EM POPA

As distribuições excessivas de lucros e dividendos a acionistas permaneceram inalteradas ao longo de 2019, deixando empresas mais vulneráveis a um possível colapso quando a pandemia eclodiu.⁵⁹ Mesmo em um cenário de propagação da pandemia, essas distribuições não diminuíram inicialmente. Em todo mundo, a distribuição de dividendos aumentou 3,6%, atingindo um pico sem precedentes de US\$ 275 bilhões no primeiro trimestre de 2020.⁶⁰ As empresas acharam que era mais importante manter suas altas distribuições de dividendos do que preparar-se para uma crise iminente.

As recompras de ações também foram mantidas a todo vapor em algumas partes da economia global. Enquanto milhões de pessoas nos Estados Unidos perderam seus empregos e foram forçadas a solicitar seguro-desemprego, as maiores empresas americanas gastaram quase US\$ 200 bilhões em recompras de ações no primeiro trimestre de 2020.⁶¹ Algumas empresas aumentaram seus gastos anuais com recompras no segundo trimestre, entre as quais a Alphabet, a controladora do Google (R\$ 6,9 bilhões, alta de 92%), a Microsoft (US\$ 5,8 bilhões, aumento de 25%) e a Biogen (US\$ 2,8 bilhões, alta de 17%).⁶²

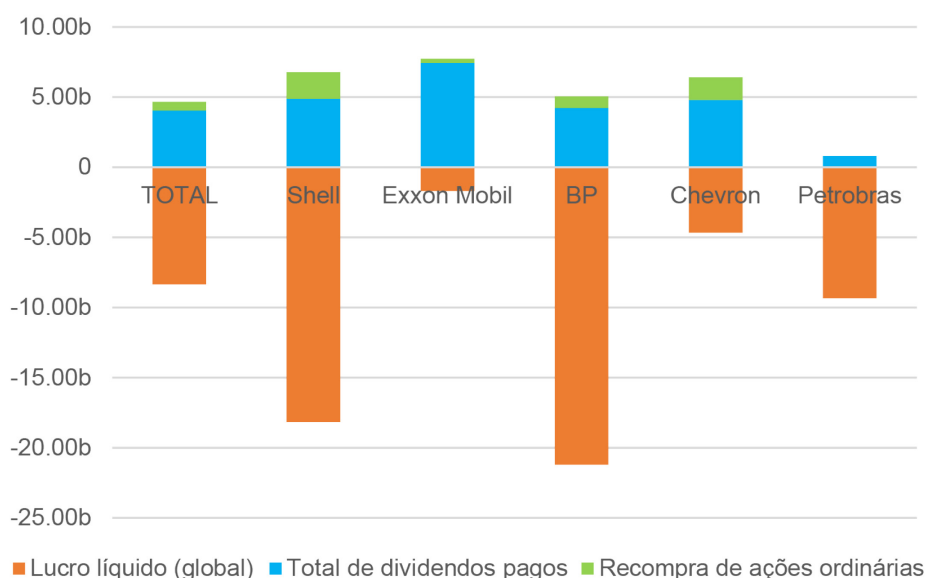
A Oxfam analisou as demonstrações de resultados mais recentes das 25 empresas globais mais lucrativas listadas no Índice S&P Global 100 para entender como a COVID pode estar afetando a mentalidade desses titãs corporativos de priorizar o acionista e observou que eles devem distribuir lucros no montante de mais de US\$ 378 bilhões aos seus acionistas em 2020. Após terem distribuído 103% do seu lucro líquido a acionistas antes da crise, a distribuição do resultado líquido dessas empresas deve totalizar impressionantes 124% neste ano.

Isso significa que mesmo após a eclosão da COVID-19 muitas das maiores empresas do mundo mantiveram seu modelo de negócios de priorizar o acionista. Efetivamente, de acordo com suas demonstrações, a Microsoft e o Google já distribuíram, respectivamente, mais de US\$ 21 bilhões e US\$ 15 bilhões aos seus acionistas desde janeiro. A despeito da queda na demanda por seus produtos durante a pandemia, a montadora Toyota distribuiu mais de 200% dos seus lucros para investidores desde janeiro. A BASF, a gigante alemã do setor químico, distribuiu mais de 400% dos seus lucros nos últimos 6 meses. A gigante farmacêutica americana AbbVie já distribuiu 183% do seu lucro líquido a acionistas nos primeiros dois trimestres de 2020. E três das empresas americanas mais proeminentes que estão desenvolvendo vacinas para a COVID-19 com bilhões em recursos públicos⁶³ – a Johnson &

Johnson, a Merck e a Pfizer – já distribuíram US\$ 16 bilhões aos seus acionistas desde janeiro.

As empresas mais lucrativas não foram as únicas que mantiveram esse cenário de bonança para seus acionistas. Apesar de estarem claramente enfrentando problemas financeiros, outras fizeram o mesmo. As seis maiores empresas petrolíferas do mundo – Exxon Mobil, Total, Shell, Petrobras, Chevron e BP – tiveram um prejuízo líquido combinado de US\$ 61,7 bilhões de janeiro a julho de 2020, mas ainda assim conseguiram pagar US\$ 31 bilhões aos seus acionistas no mesmo período. A Seplat Petroleum, a maior empresa petrolífera de origem local da Nigéria, distribuiu 132% dos seus lucros a acionistas nos primeiros seis meses de 2020, embora o país corra o risco de sofrer um colapso econômico.

Figura 3: Distribuições de lucros e dividendos a acionistas versus prejuízos de grandes empresas petrolíferas em dólares dos Estados Unidos no primeiro e segundo trimestres de 2020



Fonte: Análise da Oxfam das demonstrações de resultados das empresas; Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's.

No entanto, também foram observados avanços em meio à pandemia. O escrutínio público e pressões financeiras forçaram um número maior de empresas do que nos últimos dez anos combinados a ceder à pressão pública e financeira e interromper a distribuição de dividendos e a recompra de ações.⁶⁴ Alguns governos, inclusive o dos Estados Unidos e o da França, impuseram uma proibição temporária à recompra de ações, principalmente para empresas que receberam empréstimos emergenciais do governo.

Isso é promissor, já que expõe a incongruência de se colocar o acionista em primeiro lugar em meio a uma economia em crise. No entanto, pausas voluntárias e proibições temporárias não são suficientes. Muitas empresas continuaram a priorizar os ganhos dos acionistas em detrimento do bem-estar dos trabalhadores. E é plausível que a distribuição de lucros e dividendos a acionistas retorne aos níveis pré-pandemia ou até os exceda uma vez que a pandemia esteja sob controle, apesar de milhões de pessoas continuarem sem trabalho.

3 O PROBLEMA DA ACUMULAÇÃO DE LUCROS EM TEMPOS DE DESESPERO

OS RICOS ESTÃO FICANDO MAIS RICOS E EMPRESAS LUCRATIVAS MAIS LUCRATIVAS

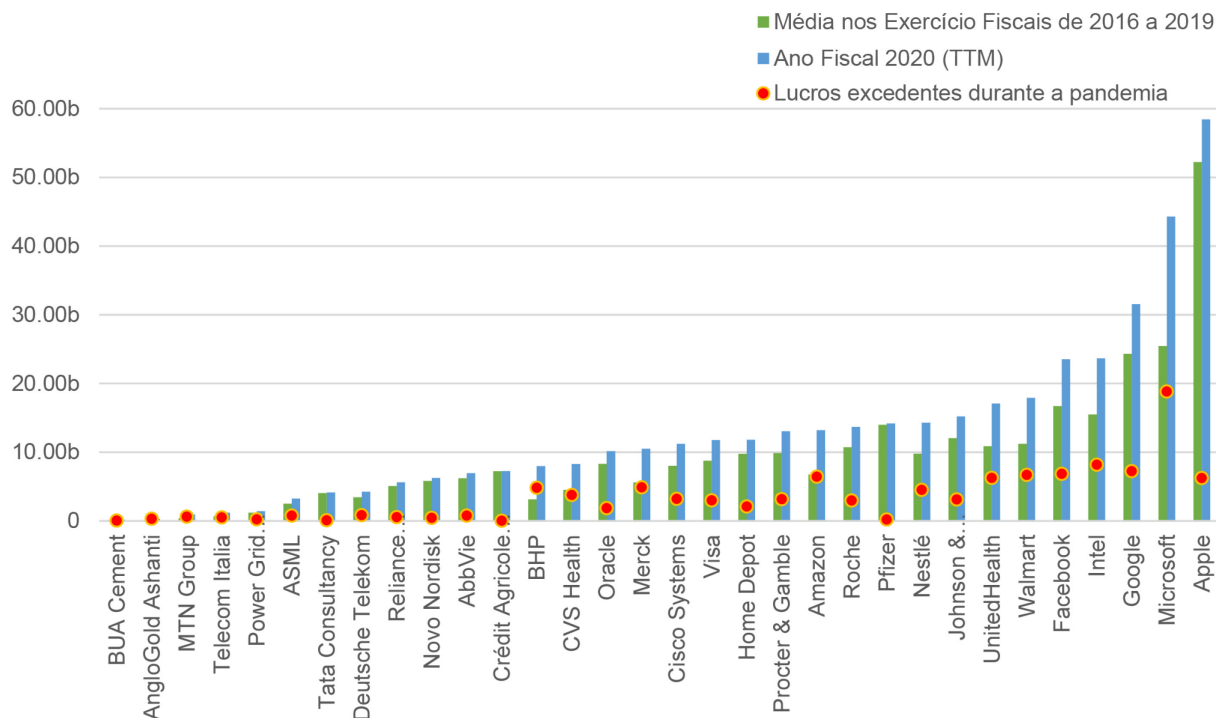
Embora a COVID-19 tenha sido uma tragédia para muitas pessoas, ela certamente tem sido boa para alguns. Enquanto muitas pequenas empresas e trabalhadores lutam para sobreviver, algumas grandes empresas têm conseguido prosperar durante a pandemia. As vencedoras incluem as que trabalham com tecnologia, produtos farmacêuticos e bens de consumo – empresas com modelos de negócios que se beneficiaram de determinados elementos da pandemia (como, por exemplo, da demanda por assistência médica, da mudança para o trabalho remoto ou de um volume maior de compras on-line).

No início deste ano, a Oxfam publicou uma nova análise segundo a qual os lucros de 17 das 25 empresas mais lucrativas dos Estados Unidos, entre as quais a Microsoft, a Johnson & Johnson, o Facebook, a Pfizer e a Visa, aumentariam em US\$ 85 bilhões em 2020 em relação a anos anteriores – com a parte do leão ficando nas mãos dos mais privilegiados, entre os quais muitos dos bilionários do mundo.⁶⁵

Agora, atualizamos e ampliamos essa análise para algumas das empresas mais lucrativas do mundo com operações nos Estados Unidos, Europa, Austrália, Índia, Nigéria e África do Sul.⁶⁶ A Oxfam observou que 32 empresas devem faturar US\$ 109 bilhões a *mais* no exercício fiscal de 2020 do que na média dos quatro anos anteriores.⁶⁷

As quatro grandes empresas de tecnologia do chamado grupo "GAFA" – Google, Apple, Facebook e Amazon – devem lucrar quase US\$ 27 bilhões a *mais* durante a pandemia em relação aos lucros já históricos que auferiram em anos anteriores. E embora essas quatro empresas sejam queridinhas da imprensa, a Microsoft é, de longe, a que mais vem auferindo "super" lucros excedentes durante a pandemia – ela deve ter lucros de quase US\$ 19 bilhões a *mais* neste ano do que em anos anteriores. Juntas, essas quatro empresas do grupo "GAFA" devem, só elas, ter lucros excedentes de US\$ 46 bilhões durante a pandemia.

Figura 4: O panteão dos oportunistas: lucros antes da pandemia versus após a sua eclosão das empresas mais lucrativas do mundo (média para os exercícios fiscais de 2016 a 2019, exercício fiscal de 2020 - últimos doze meses)



Fonte: Análise da Oxfam baseada nas demonstrações de resultados das empresas; Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's

As gigantes do setor farmacêutico também têm ampliado seus lucros. As sete empresas farmacêuticas incluídas nessa amostra registraram, na média, uma margem de lucro muito saudável de 21% em 2020. Seis delas devem auferir lucros de US\$ 12 bilhões a mais no total durante a pandemia do que em anos anteriores, principalmente a Merck (US\$ 4,9 bilhões em superlucros), a Johnson & Johnson e a Roche (cerca de US\$ 3 bilhões cada).

O oportunismo de empresas durante a pandemia (ou seja, a atitude de tirar proveito dela para obter superlucros excedentes) é um fenômeno global. Na Europa, os casos das empresas Nestlé, Deutsche Telekom, ASML e Telecom Italia se destacam. Diversas grandes empresas chinesas também têm prosperado durante a pandemia.⁶⁸ Em outros países de renda média, a Reliance Industries na Índia, a BUA Cement na Nigéria e a gigante sul-africana de telecomunicações MTNi emergiram como grandes vencedoras durante a pandemia. Os lucros desta última devem subir impressionantes 169% em decorrência dos bloqueios impostos em toda a África.

Os lucros excessivos dessas empresas não seriam um problema se fossem amplamente compartilhados e beneficiassem o resto da sociedade. No entanto, a Oxfam observou que essas 32 empresas que estão lucrando com a pandemia devem distribuir 88% dos seus lucros excedentes a acionistas que pertencem, predominantemente, a grupos de alta renda (veja o Quadro 1).

Os maiores acionistas dessas empresas gigantes pertencem à classe dos bilionários do mundo, que na maioria são homens. A explosão dos lucros durante a pandemia é um importante fator determinante do aumento repentino observado na riqueza das pessoas mais ricas do mundo, a maioria das quais são homens – cerca de 88% dos bilionários do mundo são homens.⁶⁹ A riqueza dos 25 bilionários mais ricos do mundo aumentou espantosos US\$ 255 bilhões de meados de março ao final de maio de 2020.⁷⁰ Só nos Estados Unidos, o patrimônio líquido dos bilionários (muitos dos quais são ricos investidores em grandes empresas) teve um aumento de US\$ 792 bilhões.⁷¹

Quadro 2: Os dois lados do sucesso da Amazon

A Amazon se tornou, indiscutivelmente, uma das maiores vencedoras na pandemia da COVID-19 – relatando um aumento de 95% nos seus lucros líquidos no exercício fiscal de 2020 em relação a anos anteriores. Esse percentual corresponde a US\$ 6,4 bilhões a mais em superlucros em comparação com anos anteriores.⁷² Com a corrida dos consumidores para fazer pedidos on-line nos primeiros meses da pandemia, as vendas da Amazon aumentaram 26% no primeiro trimestre.⁷³

O sucesso comercial da Amazon ampliou o poder da empresa sobre trabalhadores, o setor de varejo e governos. Com uma força de trabalho de 876.000 funcionários trabalhando em tempo integral e parcial em julho de 2020, a Amazon é uma das maiores empregadoras do setor privado do mundo.⁷⁴ A empresa foi acusada de reprimir tentativas de trabalhadores dos seus armazéns de se organizar⁷⁵ e foi forçada a fechar alguns de deles em decorrência de preocupações de saúde relacionadas à COVID-19 após um conflito com seus funcionários.⁷⁶ Nos Estados Unidos, vários procuradores-gerais estaduais expressaram preocupações com as condições de trabalho na empresa e relataram retaliações contra os trabalhadores por se manifestarem.⁷⁷ Até mesmo alguns investidores solicitaram veementemente que a Amazon adotasse práticas mais transparentes em relação a protocolos de saúde e segurança para seus funcionários durante a pandemia.⁷⁸

Uma resolução de acionistas da Oxfam América mobilizou 39% dos votos independentes (de acionistas não controladores, diferentes do CEO Jeff Bezos, que detém aproximadamente 12% das ações da Amazon) em apoio à realização de avaliações de impacto sobre os direitos humanos de commodities de alto risco, como frutos do mar, na Amazon.

A Amazon não pagou nenhum imposto federal nos Estados Unidos em 2017 ou 2018. Em 2019, a empresa finalmente pagou US\$ 162 milhões em impostos, equivalentes a 1,2% da sua receita antes dos impostos relatada para o ano, embora a alíquota do imposto de renda corporativo federal seja de 21%.⁷⁹

Mais do que qualquer outra empresa, a Amazon ilustra a crescente desigualdade de riqueza e renda que assola nossas economias. A Amazon aumentou drasticamente a riqueza do seu fundador e CEO Jeff Bezos desde o início da pandemia (atualmente o homem mais rico da Terra, com uma fortuna estimada em cerca de US\$ 200 bilhões),⁸⁰ e dos acionistas ricos da empresa graças à sua capitalização de mercado de mais de US\$ 1,5 trilhão.⁸¹ No entanto, o modelo de negócios da Amazon continua a depender de centenas de milhares de trabalhadores nos seus armazéns e motoristas de entregas que recebem baixos salários. Para contextualizar essas cifras, Jeff Bezos poderia pagar a cada um dos seus 876 mil funcionários uma bonificação de US\$ 105.000 e ainda assim continuar sendo tão rico quanto era no início da pandemia.

Além disso, o sucesso da empresa não se deve exclusivamente às suas inovações. Ele foi impulsionado por uma estratégia competitiva agressiva, uma série de privilégios corporativos e acordos unilaterais com governos (a empresa gastou a soma sem precedentes de US\$ 4,38 milhões em atividades de lobby no segundo trimestre de 2020)⁸² que conferiram à empresa um poder de mercado

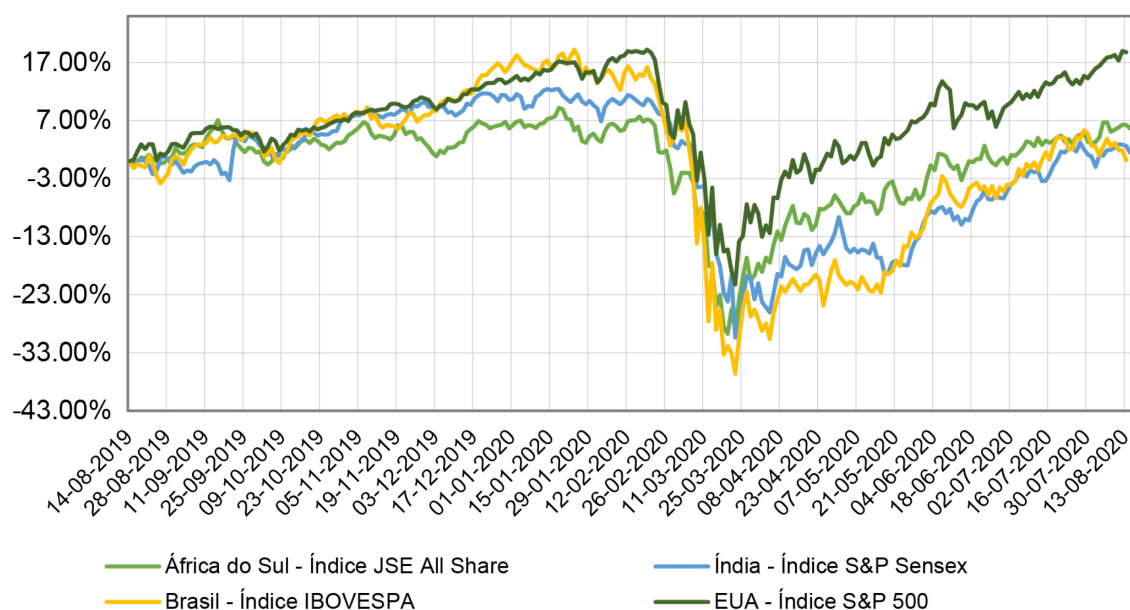
quase monopolista (e sem mecanismos de responsabilização).⁸³ Para completar, a empresa recebeu um empréstimo do governo federal dos Estados Unidos de quase US\$ 4 milhões em julho, o que representa uma migalha em relação ao faturamento da Amazon, mas constitui uma afronta para milhões de americanos em dificuldades.⁸⁴

ACIONISTAS RECUPERAM SUAS PERDAS ENQUANTO OS TRABALHADORES CONTINUAM SOFRENDO

Uma perspectiva mais ampla corrobora a visão de que muitos dos ricos do mundo estão saindo praticamente ilesos da pandemia e, em muitos casos, mais ricos e poderosos do que nunca. As tendências do mercado de ações ilustram o fosso crescente entre as realidades econômicas vivenciadas pela vasta maioria das pessoas e o tipo de proteção que o dinheiro e o poder podem comprar para os indivíduos e empresas mais ricos do mundo.

A despeito de taxas de desemprego sem precedentes e do fechamento de pequenas empresas em todo o mundo, os mercados de ações parecem ter se recuperado rapidamente. O valor de mercado das 100 empresas cujas ações mais se valorizaram desde o início de 2020 aumentou em mais de US\$ 3 trilhões.⁸⁵

Figura 5: Desempenho do mercado de ações em 12 meses nos Estados Unidos, Índia, Brasil e África do Sul⁸⁶



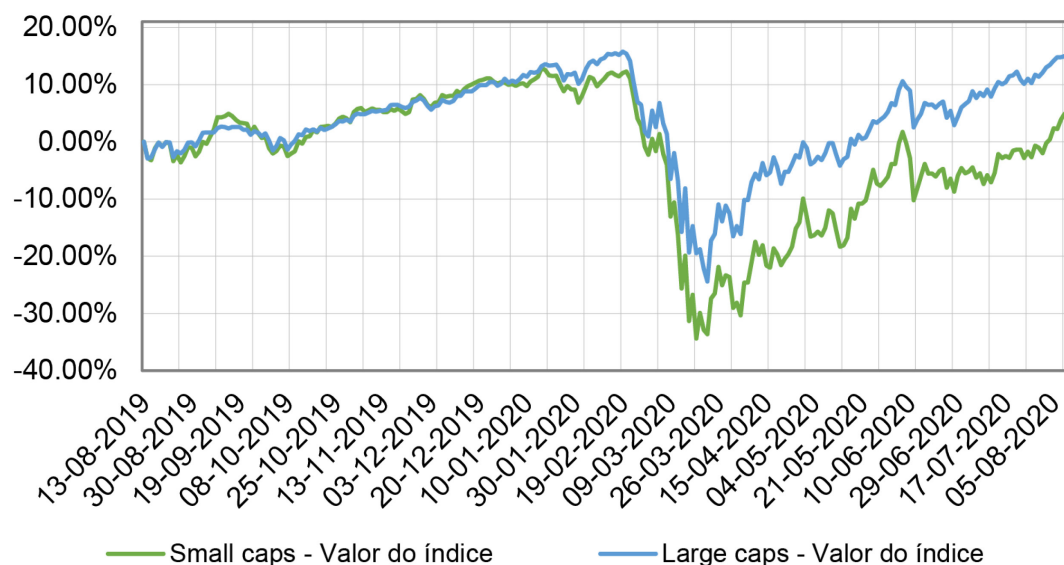
Fonte: Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's

Essa recuperação reflete a continuidade da prevalência do paradigma do acionista em primeiro lugar e a confiança seletiva dos investidores na

proteção de grandes empresas. É importante ressaltar que essa recuperação não leva em consideração a situação das pequenas empresas mais atingidas pela crise. Mesmo entre empresas listadas em bolsas, apenas um punhado das maiores está acumulando o grosso dos ganhos. Por exemplo, as seis maiores empresas de tecnologia dos Estados Unidos, todas dirigidas por homens, foram as mais beneficiadas pela turbulência econômica provocada pelo COVID-19. Atualmente, elas são responsáveis por um quarto do valor total do S&P 500 (em 2013, elas respondiam por 8% desse valor).⁸⁷

Na verdade, a COVID-19 gerou uma divergência vertiginosa entre grandes e pequenas empresas: as grandes estão se recuperando a um ritmo mais acelerado que o observado entre empresas menores.

Figura 6: Desempenho das ações de pequenas e grandes empresas



Fonte: Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's

DOAÇÕES, APENAS UMA GOTA NO BALDE

Empresas em todo o mundo não têm assumido uma postura passiva diante da COVID-19. A resposta de grandes empresas e bilionários para ajudar a fazer frente aos impactos econômicos da COVID-19 tem consistido principalmente em doações filantrópicas. Isso não surpreende, considerando a preferência de muitas empresas por contribuições voluntárias para causas sociais (e não por impostos obrigatórios ou mecanismos pré-distributivos, como salários mais altos ou ágios sobre os preços para fornecedores).

No entanto, as contribuições filantrópicas são irrisórias em relação aos lucros dessas empresas e à riqueza dos bilionários – e aos benefícios em potencial que um sistema tributário mais justo ou uma economia mais inclusiva gerariam. Consideremos os Estados Unidos como um exemplo. Enquanto se estima que os Estados Unidos tenham perdido aproximadamente US\$ 135 bilhões em receitas devido à evasão fiscal de

empresas em 2017, ⁸⁸ a filantropia corporativa totalizou menos de US\$ 20 bilhões. ⁸⁹ Uma desproporção semelhante pode ser observada na Índia, onde as contribuições da responsabilidade social corporativa (RSC) (US\$ 6 bilhões anuais) são muito pequenas em comparação com as perdas de receitas governamentais decorrentes da evasão fiscal de empresas (US\$ 47 bilhões por ano).⁹⁰

A Oxfam analisou as doações para respostas à COVID-19 feitas por empresas listadas no S&P Global 100. Mais da metade delas divulgou suas doações para respostas à COVID-19 e o valor médio doado por uma empresa foi de apenas 0,32% dos seus lucros operacionais em 2019.⁹¹ As doações filantrópicas de empresas não constituem uma contribuição adequada para o combate à COVID-19, considerando as necessidades financeiras e o volume dos lucros auferidos pelas empresas. Além disso, foram observadas limitações em termos da rastreabilidade e da responsabilização em torno de como esses recursos estão sendo usados e dos seus resultados.

4 PRIORIZAÇÃO DOS LUCROS EM DETRIMENTO DAS PESSOAS

A COVID-19 está testando o compromisso das empresas de alcançar objetivos empresariais que não se resumam a garantir distribuições de lucros e dividendos a acionistas no curto prazo.⁹² Os otimistas têm afirmado que a pandemia está deslocando o pêndulo na direção do modelo de múltiplas partes interessadas, no qual o objetivo de uma empresa é beneficiar diversas partes interessadas e não apenas seus acionistas.⁹³ No entanto, a realidade não parece tão promissora. Persistem fossos consideráveis entre a necessidade de responsabilização de empresas perante todas as partes interessadas (principalmente em tempos de crise) e suas práticas empresariais básicas.

A Oxfam identificou cinco áreas de práticas empresariais que ilustram como algumas empresas estão exacerbando a desigualdade durante a pandemia:

- Elas continuam a distribuir lucros e dividendos aos seus acionistas e a manter programas de remuneração de executivos, a despeito de terem recebido auxílios emergenciais do governo;
- Elas não estão garantindo a segurança dos seus funcionários e prevenindo violações de leis trabalhistas;
- Elas estão transferindo custos e riscos para as cadeias de abastecimento;
- Elas têm lucrado com programas de ajuda do governo sem merecimento ou elegibilidade;
- Elas têm feito lobby junto ao governo em prol da desregulação de mecanismos de proteção ao meio ambiente, de tributação e de proteção social

Esta análise se baseia em mais de 120 exemplos relatados que envolvem mais de 400 empresas em todo o mundo.⁹⁴

EMPRESAS ESTÃO DISTRIBUINDO LUCROS E DIVIDENDOS AOS SEUS ACIONISTAS ENQUANTO RECEBEM AUXÍLIOS EMERGENCIAIS DO GOVERNO OU DEMITEM TRABALHADORES

As práticas adotadas para distribuir lucros e dividendos a acionistas estão sob escrutínio, pois as empresas estão sob pressão financeira e os governos estão disponibilizando auxílios emergenciais para elas. Em alguns países, inclusive na França e nos Estados Unidos, uma proibição temporária foi imposta à recompra de ações por empresas que estão recebendo auxílios emergenciais do governo.⁹⁵ No entanto, a necessidade de apoio governamental não impediu que algumas empresas continuassem a priorizar a distribuição de lucros a acionistas, como ilustrado pelos seguintes exemplos:

- As gigantes do setor químico BASF e Bayer receberam £ 1 bilhão (US\$ 1,3 bilhão) e £ 600 milhões, respectivamente, em empréstimos emergenciais do governo do Reino Unido.⁹⁶ Os acionistas da Bayer votaram a favor de um pagamento de € 2,75 bilhões em dividendos poucas semanas antes de a empresa receber esses recursos emergenciais, enquanto a BASF aprovou, em junho, um plano para distribuir € 3,03 bilhões em dividendos, soma maior que a distribuída no ano passado, embora seus lucros tenham caído.⁹⁷ Desde janeiro, os dividendos da empresa equivalem a mais de 4 vezes os lucros que auferiu nesses dois primeiros trimestres.⁹⁸
- Na França, sete empresas (Vivendi, Capgemini, Michelin, Publicis, Solvay, Veolia e Vinci) distribuíram dividendos enquanto recorriam a recursos públicos para pagar os salários dos seus funcionários. A despeito de apelos do governo no sentido de que restringissem sua distribuição de dividendos, as empresas listadas no CAC 40 distribuíram uma soma total de € 35 a 40 bilhões.⁹⁹
- Diversas grandes empresas americanas mantiveram seus planos de distribuição de lucros e dividendos aos seus acionistas, a despeito de terem solicitado auxílios emergenciais ao governo ou de terem demitido funcionários. Por exemplo, as empresas Royal Caribbean, Halliburton, General Motors e McDonald's demitiram funcionários ou reduziram jornadas de trabalho e salários enquanto continuaram distribuindo seus lucros e dividendos.¹⁰⁰ As empresas Caterpillar, Levi Strauss, Stanley Black & Decker, Steelcase e World Wrestling Entertainment fizeram o mesmo, distribuindo mais de US\$ 700 milhões em dividendos em dinheiro.¹⁰¹
- A maior empresa de cimento da Nigéria, a Dangote Cement, aparentemente demitiu mais de 3.000 funcionários sem aviso prévio ou sem o devido processo legal,¹⁰² mas ela deve distribuir 136% dos seus lucros a acionistas no exercício fiscal de 2020.¹⁰³
- A varejista do setor de vestuário norte-americana Kohl's distribuiu US\$ 109 milhões em dividendos após cancelar pedidos no montante de US\$ 150 milhões, criando sérios problemas para os trabalhadores do setor em Bangladesh e na Coreia do Sul.¹⁰⁴
- A empresa automotiva alemã BMW distribuiu mais de € 1,6 bilhão em dividendos a despeito de ter solicitado subsídios ao governo alemão e de ter se valido de esquemas de suspensão temporária de contratos de trabalho patrocinados pelo Estado.¹⁰⁵

O fato de algumas empresas estarem mantendo seus programas de distribuição de lucros e dividendos aos seus acionistas a despeito das suas

condições financeiras precárias evidencia como o capitalismo do acionista restringe a capacidade das empresas de tomar decisões em prol do seu próprio sucesso no longo prazo – e muito menos em prol da sociedade.

Quadro 3: Apoio ao setor petrolífero com dinheiro do contribuinte

O setor petrolífero oferece um claro exemplo de como empresas têm usado seu acesso a formuladores de políticas para se qualificar para receber auxílios emergenciais diante da COVID-19 e sustentar seus modelos de negócios insustentáveis.¹⁰⁶ Mais de 6.000 empresas diretamente envolvidas com a extração e comercialização de combustíveis fósseis receberam empréstimos emergenciais. Cerca de 19 empresas de petróleo e gás devem receber US\$ 1,9 bilhão em incentivos fiscais como parte do pacote de ajuda emergencial do governo dos Estados Unidos.¹⁰⁷

O setor está em crise desde antes da pandemia, com seus modelos de negócios cada vez mais insustentáveis dependendo fortemente de subsídios e benefícios fiscais do governo.¹⁰⁸ As respostas à COVID-19 podem acabar fortalecendo o setor petrolífero mais uma vez.

Como outros setores cruciais para o combate às mudanças climáticas, como os da aviação e automotivo, as empresas petrolíferas distribuíram grande parte dos seus lucros a acionistas na década passada.

Esses lucros poderiam ter sido usados para ajustar seus negócios aos imperativos de um futuro de baixo carbono por meio de ações mais abrangentes de remediação ambiental, mais investimentos em P&D, recapacitação de trabalhadores e reservas maiores para fazer frente a riscos climáticos crescentes e possíveis ações judiciais contra grandes projetos. Em vez disso, o setor de petróleo e gás vem acumulando enormes dívidas enquanto continua a focar as recompras de ações e a distribuição de dividendos sem uma reserva financeira adequada para fazer frente às quedas observadas nos preços do petróleo.¹⁰⁹ A BP também anunciou previamente que cortaria 10.000 empregos, enquanto fazia generosas distribuições de lucros e dividendos aos seus acionistas.¹¹⁰

As ações de empresas petrolíferas individuais durante a pandemia sugerem que o *modus operandi* do setor não mudou em um momento de crise, embora as emissões oriundas de combustíveis fósseis continuem a empurrar o mundo para mais perto de uma catástrofe climática. Por exemplo, a Chevron anunciou que cortará de 10 a 15% da sua força de trabalho global de 45.000 funcionários, embora tenha gasto mais com dividendos e recompras de ações no primeiro trimestre do ano do que gerou com suas atividades primordiais.¹¹¹

No entanto, não é impossível para uma empresa petrolífera começar a reconhecer seu papel e responsabilidade à luz das crises gêmeas do clima e da COVID-19 e ajustar suas operações diante delas. A BP anunciou recentemente planos para reduzir suas emissões líquidas a zero até 2050¹¹² e a estratégia recém-anunciada da empresa para a próxima década prevê uma redução de 40% na produção de petróleo e gás e dez vezes mais investimentos em fontes de energia de baixo carbono, além da adoção concomitante de uma nova política de distribuição.¹¹³

COLOCANDO EM RISCO A SAÚDE DOS FUNCIONÁRIOS

A COVID-19 expôs, mais uma vez, a prevalência de práticas trabalhistas irresponsáveis no setor empresarial. Casos observados em todo mundo revelam claramente como empresas têm priorizado lucros no curto prazo em detrimento da segurança dos seus funcionários durante a pandemia. Os que

trabalham em setores de baixos salários têm sido particularmente vulneráveis à exploração:

- Abusos trabalhistas e riscos à saúde foram expostos no setor de mineração. Centenas de casos de COVID-19 foram registrados em minas no Peru, que continuaram em operação durante a pandemia por determinação de seus operadores a despeito dos altos riscos de infecção.¹¹⁴ Sítios de mineração no Congo¹¹⁵, México¹¹⁶ e Guatemala¹¹⁷ também têm sido criticados por sua inobservância de direitos trabalhistas e regulações de saúde pública durante a pandemia da COVID-19.
- A Teleperformance, uma das maiores operadoras de call centers do mundo, foi acusada de violar os direitos dos trabalhadores a um local de trabalho seguro durante a pandemia da COVID-19. As vítimas também alegam que a empresa tomou medidas retaliatórias contra funcionários em mais de dez países.¹¹⁸
- Varejistas do setor de alimentação têm enfrentado uma reação negativa de seus funcionários devido à precariedade das suas medidas de proteção de saúde e segurança do trabalhador. Uma ação coletiva foi movida contra o McDonald's por não ter adotado as diretrizes de segurança do governo dos Estados Unidos para a COVID-19, colocando em risco seus funcionários e respectivas famílias.¹¹⁹
- Trabalhadores migrantes no Catar contratados para construir estádios e infraestrutura para sediar a Copa do Mundo da FIFA de 2022 têm sofrido atrasos salariais e demissões, além de serem forçados a viver em condições de superlotação, com poucas precauções de saúde e sem acesso a licenças de saúde remuneradas.¹²⁰
- Empresas de entrega de alimentos têm sido acusadas de não oferecer uma proteção adequada aos seus motoristas, deixando-os vulneráveis à pandemia, já que a maioria deles tem um acesso limitado a seguro-desemprego, planos de saúde ou licença médica. Por exemplo, no Reino Unido, a empresa Deliveroo tem sido criticada por não disponibilizar EPI na medida necessária e suporte à renda aos seus ciclistas entregadores.¹²¹ A empresa Instacart vem enfrentando greves nacionais nos Estados Unidos por não proteger adequadamente seus trabalhadores.¹²² Na Índia, serviços de entrega como Zomato e Swiggy têm enfrentado desafios semelhantes para garantir a saúde e a segurança dos seus motoristas durante a pandemia.¹²³

Esses casos não são fortuitos. Eles decorrem das atitudes de empresas que desenvolveram seus negócios à custa de trabalhadores vulneráveis. Governos têm sido cúmplices desses abusos, já que muitos deles não tomaram as medidas necessárias para garantir a proteção de trabalhadores durante a pandemia.

Nos Estados Unidos, o governo não tomou medidas adequadas para proteger trabalhadores em risco em estabelecimentos rurais e fábricas de processamento de carne.¹²⁴ No Peru, o governo permitiu a continuidade de atividades de mineração a despeito do seu alto risco de infecção.¹²⁵ Na Índia, regulações trabalhistas foram suspensas como parte de um esforço para flexibilizar a legislação trabalhista em favor das empresas.¹²⁶

Ainda há, no entanto, sinais de esperança. Por exemplo, um grupo de 335 investidores que representam investimentos de US\$ 9,5 trilhões lançou um apelo recentemente para que as empresas protejam seus funcionários neste momento de crise.¹²⁷

Quadro 4: As práticas desumanas da indústria de processamento de carne

"Eles precisam de trabalhadores para ganhar dinheiro, mas não se importam com a vida das pessoas. A granja continua funcionando, continua ganhando dinheiro... Se eles tivessem se importado com a saúde do meu marido, se o tivessem avisado sobre a febre, ele ainda estaria vivo agora."

– Viúva de um trabalhador de uma granja em Maryland¹²⁸

Fábricas de processamento de carne em todo o mundo tornaram-se focos de infecção por COVID-19. Nos Estados Unidos, cerca de 27.000 trabalhadores de frigoríficos testaram positivo – e mais de 90 morreram.¹²⁹ Isso significa que impressionantes 9% dos funcionários de fábricas de processamento de carne do país foram diagnosticados com COVID-19.¹³⁰ No Brasil, 5.000 trabalhadores de frigoríficos testaram positivo em um único estado.¹³¹ Na Alemanha, mais de 1.500 trabalhadores testaram positivo em uma única fábrica.¹³²

Como relatado anteriormente pela Oxfam,¹³³ empresas de processamento de carne geralmente dependem de trabalhadores imigrantes que recebem salários baixos, têm acesso a poucos benefícios e muitas vezes trabalham em condições indignas e perigosas.

A indústria global de processamento de carne é controlada por pouquíssimas grandes empresas com muito poder sobre trabalhadores e governos. A COVID-19 revelou claramente como empresas estão usando sua proximidade com políticos para influenciar governos. No Brasil, por exemplo, a JBS, que teve seus mais altos executivos envolvidos em casos de subornos a políticos,¹³⁴ pediu ao governo que reconsiderasse suas novas normas de distanciamento para trabalhadores em fábricas de produtos alimentícios.¹³⁵ Posteriormente, a empresa admitiu que 2,2% dos trabalhadores da sua fábrica de produtos de carne bovina em Goiânia foram afastados em licença médica obrigatória após testarem positivo para a COVID-19.¹³⁶

Nos Estados Unidos, a maior empresa de processamento de carne do país, a Tyson Foods, fez lobby junto ao governo em torno de questões relacionadas à segurança alimentar¹³⁷ e publicou uma carta contrária ao fechamento das suas fábricas,¹³⁸ embora cerca de 8.500 dos seus funcionários tivessem testado positivo para a COVID-19.¹³⁹

Na Alemanha, o proprietário da fábrica de processamento de carne mencionada acima, a Tönnies, solicitou apoio do governo para pagar os salários dos seus trabalhadores em quarentena após ter sido forçado a fechar sua fábrica devido à infecção em massa de funcionários.¹⁴⁰

Transferência de custos e riscos para a cadeia de suprimentos

Outra prática empresarial preocupante que exacerbou a desigualdade durante a pandemia da COVID-19 é a propensão das empresas a transferir custos e riscos para participantes vulneráveis das suas cadeias de suprimentos. Graças aos sistemas flexíveis de terceirização da economia de consumo global, empresas têm conseguido se proteger de riscos de abastecimento sem assumir a responsabilidade pela capacidade dos seus fornecedores de fazer frente a uma crise econômica como a gerada pela COVID-19:

- Na Índia, centenas de trabalhadores em plantações de chá, muitos dos quais são mulheres, ficaram sem receber salários devido a bloqueios da COVID-19.¹⁴¹ Ao mesmo tempo, algumas das maiores empresas indianas de chá tiveram lucros mais altos (como a Tata Tea, por exemplo)¹⁴² ou conseguiram preservar suas margens de lucro cortando custos (como a Unilever Hindustan).¹⁴³
- Na África Ocidental, produtores de cacau estão sentindo os impactos da COVID-19 à medida que os efeitos da queda na demanda global de cacau são transferidos para eles pelas cadeias globais de abastecimento dos seus compradores na forma de preços mais baixos.¹⁴⁴ O trabalho infantil em fazendas de cacau também está em alta devido à crise econômica que vem afetando os produtores de cacau e à menor disponibilidade de mão de obra adulta decorrente dos bloqueios da COVID-19.¹⁴⁵
- Na Tailândia, os trabalhadores das cadeias globais de abastecimento de frutos do mar não têm recebido qualquer apoio para fazer frente aos impactos da COVID-19, como na forma de equipamentos de proteção, e seus salários estão caindo.¹⁴⁶

Quadro 5: Como as marcas de vestuário transferiram os custos da COVID-19 para as suas cadeias de suprimentos

"Se as fábricas e as marcas não assumirem a responsabilidade, esses trabalhadores, se não morrerem desse vírus, vão morrer de fome... Não estamos pedindo [que as marcas] façam caridade, estamos pedindo que paguem aos nossos trabalhadores seus salários para que eles possam comprar comida e se alimentar."

– Kalopona Akter, ativista por direitos trabalhistas de Bangladesh¹⁴⁷

A indústria global de vestuário é caracterizada por desequilíbrios gritantes em termos de poder entre grandes marcas e trabalhadores vulneráveis nas cadeias de suprimentos. Os impactos sobre trabalhadores de cadeias de suprimentos em países como Bangladesh, México e Índia têm sido dramáticos, já que muitas marcas cancelaram pedidos e fornecedores pararam de pagar seus funcionários e começaram a demiti-los.¹⁴⁸ Em Bangladesh, estima-se que até 2,2 milhões de trabalhadores tenham sido afetados pelo cancelamento de pedidos. O fechamento de fábricas gerou perdas estimadas em US\$ 3 bilhões para o país.¹⁴⁹

A COVID-19 também tem sido usada como pretexto por fábricas de vestuário para demitir trabalhadores que se envolveram em atividades sindicais.¹⁵⁰ Em Mianmar, sindicatos acusaram fábricas que confeccionam peças de vestuário para empresas como Bestseller, Primark e Mango de terem usado a COVID-19 como pretexto para demitir centenas de seus filiados.¹⁵¹

Na Índia, 1.200 trabalhadores foram dispensados por um importante fornecedor da H&M, a Gokaldas Exports, em meio a novas alegações de intimidação e enfrentamento a sindicatos.¹⁵²

Os profundos impactos da COVID-19 sobre as cadeias de suprimentos da indústria de vestuário se enquadram no longo histórico de exploração e abusos de direitos trabalhistas do setor. Adotando um modelo de cadeias de suprimentos fragmentadas e sistemas de fornecimento altamente flexíveis, há décadas marcas de vestuário vêm tirando proveito de uma mão de obra barata e se esquivando da responsabilidade de oferecer condições adequadas nos seus locais de trabalho.

As exigências dessas marcas por uma eficiência e flexibilidade cada vez maiores geraram pressões insustentáveis em termos de preço e prazos de entrega para os trabalhadores do setor. No entanto, o que as empresas do setor ganharam nesse processo foi tirado das suas reservas e canalizado para acionistas. No ano

passado, apenas dez das maiores marcas de vestuário distribuíram uma soma total de US\$ 21 bilhões (74% dos seus lucros no exercício fiscal de 2019 na média) aos seus acionistas em dividendos e recompras de ações.¹⁵³ Apesar da pandemia, algumas empresas do setor continuaram a pagar dividendos, enquanto milhares de trabalhadores da sua cadeia de suprimentos perdiam seus empregos.¹⁵⁴

Nem todas as marcas têm se comportado da mesma maneira e os defensores da sociedade civil têm rastreado suas respostas.¹⁵⁵ Alguns compradores importantes se comprometeram a pagar por todos os pedidos já em produção ou concluídos. Em Bangladesh, por exemplo, as empresas H&M, Inditex, Kiabi, PVH (com pagamentos diferidos), Target e VF se comprometeram a manter seus pagamentos. Muitos outros grandes compradores, no entanto, ainda não assumiram compromissos nesse sentido.¹⁵⁶

AUXÍLIO EMERGENCIAL PARA A GANÂNCIA EMPRESARIAL COM DINHEIRO DO CONTRIBUINTE

As empresas têm se revelado especialistas em obter auxílio econômico emergencial de seus governos diante da COVID-19, independentemente do seu mérito. Infelizmente, devido a uma transparência limitada, não é muito fácil rastrear quais empresas estão recebendo esse auxílio e quanto pagaram em impostos em anos anteriores.

No entanto, os exemplos apresentados a seguir revelam falhas significativas:

- Diversas empresas com um histórico de evasão fiscal estão sendo economicamente assistidas com dinheiro do contribuinte.¹⁵⁷ Uma análise inicial da Reuters de um subconjunto de empresas que receberam auxílio econômico emergencial no âmbito do Programa de Proteção à Folha de Pagamento (*Paycheck Protection Program*) dos Estados Unidos revelou que mais de 40% das empresas que receberam US\$ 4 milhões ou mais do programa não pagaram nenhum imposto de renda corporativo no ano passado.¹⁵⁸
- Grandes empresas com milhares de funcionários tiraram proveito de controles pouco estritos para ter acesso a mais de US\$ 350 milhões de um fundo de auxílio emergencial do governo dos Estados Unidos estabelecido para ajudar pequenas empresas durante a crise.¹⁵⁹
- Empresas que estão recebendo 29% do total de empréstimos disponibilizados por meio do programa de assistência estatal Covid Corporate Financing Facility do governo do Reino Unido (entre as quais Baker Hughes, Chanel, CNH Industrial e Easyjet) têm um histórico de fazer uso de paraísos fiscais bem conhecidos.¹⁶⁰

A minimização da carga tributária não é uma prática comercial inevitável. Considere o caso da Patagonia, uma empresa de vestuário sediada nos Estados Unidos, que doou US\$ 10 milhões em fundos adicionais para organizações sem fins lucrativos que estão lutando para proteger o planeta. Essa doação foi financiada com recursos economizados pela empresa resultantes dos cortes irresponsáveis de impostos sancionados pelo governo

dos Estados Unidos em 2017 (que reduziram a alíquota de impostos para empresas americanas de 35% para 21% e autorizaram a exploração de petróleo no Refúgio Nacional Ártico da Vida Selvagem).¹⁶¹

EMPRESAS ESTÃO INFLUENCIANDO POLÍTICAS DE RESPOSTA À COVID-19 EM SEU FAVOR

A COVID-19 forçou governos em todo o mundo a adotar medidas urgentes de auxílio econômico. As evidências mostram que muitas empresas mobilizaram rapidamente todo o seu poder de lobby para influenciar as respostas governamentais à pandemia em seu favor:

- Nos Estados Unidos, diante da pandemia, os gastos das empresas com lobby no primeiro trimestre totalizaram impressionantes US\$ 903 milhões, uma soma quase recorde. Mais de 3.000 clientes de agentes de lobby (na grande maioria representando interesses empresariais) se empenharam em moldar o pacote de estímulo econômico em seu favor.¹⁶²
- Empresas fizeram lobby com sucesso contra a suspensão das suas atividades, a despeito dos grandes riscos envolvidos para a saúde dos seus trabalhadores. Isso foi feito, por exemplo, por fabricantes de produtos alimentícios nos Estados Unidos,¹⁶³ fábricas de vestuário no México¹⁶⁴ e operadores de minas em diversos países.¹⁶⁵ Numa atitude ainda mais audaciosa, empresas têm feito lobby por imunidade contra ações judiciais relacionadas à COVID-19.¹⁶⁶
- Empresas têm feito, com sucesso, lobby por benefícios fiscais. Por exemplo, empresas de petróleo e gás fizeram lobby para garantir a inclusão de benefícios fiscais na Lei CARES (Lei de Ajuda, Alívio e Segurança Econômica de Coronavírus) dos Estados Unidos. Adotando táticas agressivas de lobby, a indústria foi desproporcionalmente beneficiada com cortes de impostos de mais de US\$ 100 bilhões.¹⁶⁷ Na Índia, empresas fizeram lobby por uma suspensão temporária da cobrança de impostos sobre recompras de ações.¹⁶⁸ Mineradoras têm feito lobby por isenções fiscais em diversos países,¹⁶⁹ enquanto empresas aéreas têm feito o mesmo para reduzir a tributação ambiental.¹⁷⁰
- Empresas fizeram lobby no sentido de enfraquecer regulações ambientais. Na União Europeia, empresas que atuam em diversos setores (como nos do agronegócio, dos produtos químicos e automotivo) usaram a COVID-19 para pressionar pelo adiamento da aplicação de leis ambientais da UE.¹⁷¹ A indústria petrolífera dos Estados Unidos solicitou que requisitos regulatórios fossem abrandados em meio à crise da COVID-19 por meio, por exemplo, do adiamento dos prazos previstos para a apresentação de relatórios sobre a emissão de gases de efeito estufa e o monitoramento da poluição.¹⁷² Mineradoras têm feito lobby por requisitos regulatórios ambientais mais brandos em sítios de mineração.¹⁷³ O setor de aviação comercial foi bem-sucedido no seu

lobby junto à Organização de Aviação Civil Internacional para reduzir temporariamente suas taxas de emissão de dióxido de carbono.¹⁷⁴

Como a Oxfam já havia observado, muitas dessas atividades desenvolvidas por empresas são incompatíveis com seus compromissos de sustentabilidade. Elas são possibilitadas por sistemas políticos vulneráveis à influência e captura corporativas acumuladas em anos de atividades de lobby, contribuições para campanhas e enfraquecimento das instituições democráticas, fatores que limitam a capacidade regulatória dos governos.¹⁷⁵

5 ESTAMOS CAMINHANDO PARA UM FUTURO HIPER DESIGUAL?

As perspectivas econômicas para o mundo são profundamente preocupantes. A despeito das declarações frequentemente repetidas de um regresso à normalidade após a COVID-19 baseado nos princípios da igualdade e da cidadania (de acordo com o conceito de *building back better*), as tendências atuais apontam para economias menos equitativas, menos estáveis e menos sustentáveis nas quais muitos setores serão dominadas por um número ainda mais baixo de empresas maiores,¹⁷⁶ enquanto muitos trabalhadores enfrentarão dificuldades ainda maiores para encontrar empregos decentes.¹⁷⁷ Os níveis elevados de endividamento dos governos e a queda de receitas tributárias representam uma ameaça ao tipo de investimentos públicos inteligentes em grande escala necessários para a construção de economias inclusivas e sustentáveis.

A COVID-19 não é um problema de pequena monta. Se o mundo continuar no mesmo caminho, é provável que a pandemia provoque mudanças estruturais e de longo prazo e aprofunde as divisões socioeconômicas e políticas observadas atualmente. Pelo andar da carruagem, os mais bem-sucedidos na economia pós-COVID-19 serão grandes empresas e acionistas ricos, que acumularão ainda mais poder e recursos para moldar políticas públicas e prestar serviços necessários a seu critério por meio da filantropia. A capacidade e a responsabilização dos governos ficariam enfraquecidas, minando ainda mais a confiança popular na governança democrática e aumentando a inquietação social.¹⁷⁸

MAIS CONCENTRAÇÃO NO TOPO DA PIRÂMIDE ECONÔMICA

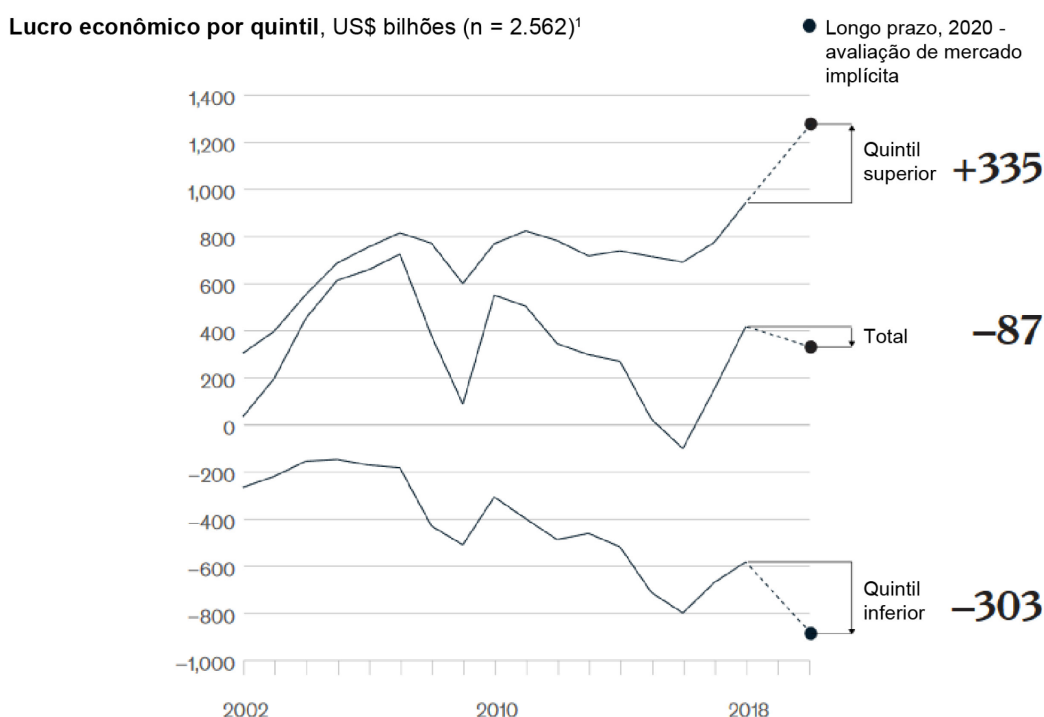
Ao contrário do que ocorreu na crise financeira global de 2008, quando muitas empresas bem-sucedidas ficaram para trás, a COVID-19 está acelerando uma tendência econômica preocupante – a da concentração de poder econômico nas mãos de poucas empresas cada vez maiores.¹⁷⁹ Essa tendência vem sendo observada tanto dentro quanto entre setores da indústria.¹⁸⁰

Considere o porte e alcance crescentes das empresas de tecnologia, incluindo as de comunicação e de varejo on-line e as plataformas de economia compartilhada. A influência das empresas mais poderosas do setor e dos seus titulares sobre o nosso trabalho, política e sociedades será ainda mais dominante no cenário empresarial pós-COVID-19. Além de acarretar uma série de desafios oriundos dos modelos de negócios dessas empresas – como desafios relacionados à privacidade de dados, à liberdade de expressão, aos direitos trabalhistas e à elisão fiscal –, essa influência

também tende a exacerbar a desigualdade e a desafiar as instituições democráticas.¹⁸¹

Por outro lado, é provável que observemos um cenário de consolidação e declínio em outros setores à medida que pressões competitivas forçam empresas que não conseguem se tornar mais eficientes (ou seja, não conseguem cortar custos) a fecharem as portas ou a se tornar alvos de aquisições para empresas pioneiras nos seus setores. Por exemplo, 80% das empresas de moda de capital aberto da Europa e da América do Norte estão enfrentando dificuldades financeiras, muitas das quais correm o risco de falir.¹⁸² Da mesma maneira, setores de varejo dos Estados Unidos e da Europa estão enfrentando uma situação de crise e uma onda de falências ou aquisições em potencial em decorrência da COVID-19.¹⁸³

Figura 7: Diferença entre os lucros de empresas líderes nos seus setores e outras de baixo desempenho



Maiores empresas por receita em 2018 com dados disponíveis para 2003-2018
Fonte: Análise do desempenho das empresas da McKinsey

UM SETOR DE PEQUENAS EMPRESAS EM EXTINÇÃO

Uma parcela significativa da perda de empregos associada à COVID-19 vem ocorrendo em pequenas empresas, responsáveis por mais de 70% dos empregos em países de baixa e média renda.¹⁸⁴ Evidências observadas em todo o mundo revelam claramente como as PMEs foram particularmente afetadas pela pandemia.

No Brasil, os bloqueios da COVID-19 forçaram mais de meio milhão de pequenas empresas a fechar suas portas em apenas duas

semanas.¹⁸⁵ A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que o mesmo pode acontecer com cerca de 436 milhões de empresas (incluindo trabalhadores por conta própria).¹⁸⁶ Uma pesquisa recente da OIT em oito países revelou que 70% das PMEs foram forçadas a encerrar suas atividades (metade das quais por determinação das autoridades e outra metade devido à redução que sofreram nos seus pedidos ou a casos de COVID-19 entre funcionários).¹⁸⁷ Em países de alta renda, as pequenas empresas também são responsáveis por uma parcela desproporcional dos empregos em risco.¹⁸⁸

“A COVID-19 está criando muitos problemas para nós. Ficou difícil dar o que comer aos meus filhos de manhã. Somos totalmente dependentes da venda de leite e, com o fechamento do[s] mercado[s], não estamos mais conseguindo vendê-lo. Se não vendemos leite, não comemos.”

Kadidia Diallo, produtora de leite em Burkina Faso.¹⁸⁹

As PMEs são particularmente vulneráveis porque geralmente possuem reservas de caixa menores para suportar quedas na demanda de mercado e atuam predominantemente em setores vulneráveis à crise provocada pela COVID-19 (por exemplo, no setor de varejo de alimentos). Uma pesquisa com PMEs na região da Ásia e do Pacífico revelou que quase metade delas tem menos de um mês de reservas de caixa e quase 30% podem vir a demitir mais da metade dos seus funcionários.¹⁹⁰ O acesso limitado das PMEs a crédito (especialmente em mercados emergentes) está tendo um impacto ainda mais acentuado nos atuais tempos de crise.¹⁹¹ Em Ruanda, a Oxfam observou que a falta de acesso a mercados, inclusive a mercados de exportação, decorrente da crise tem provocado enormes impactos para PMEs.¹⁹²

A despeito da sua importância e necessidade, existe o risco de as políticas governamentais de resposta e recuperação diante da COVID-19 priorizarem pacotes de resgate para o "grande negócio".¹⁹³ É por isso que, após a pandemia, nossas economias correm o risco de ficar com um setor de PMEs menos vibrante, com consequências potencialmente nefastas para trabalhadores em todo o mundo.

MUITOS EMPREGOS PODEM NÃO VOLTAR - ESPECIALMENTE PARA MULHERES

O impacto da COVID-19 no emprego global pode não ser temporário. Projeções da OIT sugerem que não há nenhuma recuperação rápida à vista e que a perda de empregos pode persistir até depois de 2020.¹⁹⁴ Pesquisadores da Universidade de Chicago estimam que 42% das recentes

suspensões temporárias de contratos de trabalho nos Estados Unidos podem resultar em perdas permanentes de empregos.¹⁹⁵

As mulheres estão enfrentando mais dificuldades econômicas do que os homens. Embora as mulheres ocupem apenas 39% dos empregos globais, a perda de seus empregos corresponde a 54% da perda global total.¹⁹⁶ Nos Estados Unidos, mais mulheres perderam seus empregos de fevereiro a maio do que homens e as hispânicas e asiáticas foram as mais afetadas.¹⁹⁷ Na Índia, as mulheres representavam 20% da força de trabalho antes da pandemia, mas as pesquisas de desemprego sugerem que 23% de todos os empregos perdidos eram de mulheres.¹⁹⁸

A natureza de gênero do trabalho explica os impactos desproporcionais sofridos pelas mulheres. Por um lado, as mulheres estão super-representadas em muitos dos setores mais afetados pela pandemia (por exemplo, em empregos de baixa renda no setor de serviços). Em segundo lugar, as mulheres estão na linha de frente do trabalho não remunerado, como no trabalho de cuidar de crianças e de idosos, de cozinhar e de cuidar da limpeza do lar. A COVID-19 aumentou o tempo que as mulheres passam cuidando dessas responsabilidades – forçando-as a abandonar a força de trabalho a uma taxa mais elevada que a dos homens.¹⁹⁹ Se não houver um esforço harmonizado, as perspectivas são sombrias. Análises da crise do Ebola de 2014 na África Ocidental revelaram que a renda das mulheres se recuperou mais lentamente que a dos homens.²⁰⁰

PRESSÕES POR PRIVATIZAÇÕES À MEDIDA QUE A DÍVIDA PÚBLICA AUMENTA

A COVID-19 atingiu muitos governos que já estavam em uma situação vulnerável. A crise financeira global deixou muitos governos em péssimas condições financeiras, forçando-os a reduzir drasticamente seus gastos em áreas como nas da proteção social e da saúde, que se revelariam cruciais para uma resposta adequada à pandemia.²⁰¹

O ônus da dívida de muitos países de baixa e média renda atingiu níveis insustentáveis (US\$ 11 trilhões em dívidas acumuladas e US\$ 3,9 trilhões em pagamentos de dívidas previstos para 2020).²⁰² Diversos países estão gastando mais com o serviço da dívida do que com saúde e educação durante a pandemia.²⁰³ Embora os déficits sejam mais dolorosos para países de baixa renda, países de alta renda estão enfrentando níveis sem precedentes de dívida soberana na esteira da COVID-19²⁰⁴ que estão sendo usados como pretexto angariar apoio para uma nova onda de austeridade.

As perspectivas econômicas globais para o pós-2020 são sombrias.²⁰⁵ Os países de baixa e média renda são os que provavelmente enfrentarão mais dificuldades, já que estão menos preparados para implementar políticas capazes de mitigar os impactos da COVID-19 sobre a economia e os sistemas de saúde. Sistemas de saúde sobrecarregados, preços de commodities em queda, receitas fiscais em baixa e dificuldades para emitir

novas dívidas provavelmente gerarão desafios de longo prazo para esse grupo de países.²⁰⁶

Os governos precisarão enfrentar o duplo e oneroso desafio de conter os impactos da COVID-19 e estimular a economia em um cenário de queda nas suas receitas fiscais. Os déficits governamentais devem crescer de US\$ 9 trilhões para US\$ 11 trilhões em 2020 em todo o mundo, podendo chegar a até US\$ 30 trilhões em 2023.²⁰⁷

Esses déficits sem precedentes podem alterar ainda mais a relação entre os governos e o setor privado, que será ainda mais demandado para contribuir com investimentos no desenvolvimento sustentável e assumir funções antes desempenhadas por governos. Alguns países, como, por exemplo, a Índia, já começaram a impulsionar uma agenda de privatizações em meio à pandemia.²⁰⁸ Agendas de privatização e cortes em serviços públicos acarretam riscos significativos para populações vulneráveis e afetam mulheres e meninas mais do que homens.²⁰⁹

6 COMEÇAR DE NOVO

"Temos uma oportunidade de questionar as normas e incentivos disfuncionais que constituem o cerne do nosso modelo atual de capitalismo e promover reformas substantivas. Se não fizermos isso, riscos e vulnerabilidades sistêmicos continuarão a se acumular, aumentando a probabilidade e a periculosidade de choques futuros."

Conselho Empresarial Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável,
maio de 2020²¹⁰

'[R]eformas radicais – capazes de reverter a direção das políticas adotadas nas últimas quatro décadas – precisarão ser discutidas. Os governos precisarão assumir um papel mais ativo na economia.'

Editorial do Financial Times, abril de 2020²¹¹

Estamos diante de um momento crítico. Temos uma opção entre manter as coisas como estão ou aprender com o que está acontecendo para começar de novo e construir uma economia mais justa e sustentável.

A crise atual abalou muitos pressupostos antes considerados incontestáveis. Ela nos proporcionou uma visão do nosso destino comum; demonstrou como a nossa saúde econômica, mental e física está profundamente interligada; revelou quais são os nossos trabalhadores efetivamente essenciais; reforçou a necessidade de governos eficazes; e expôs a fragilidade das bases da nossa economia.

A COVID-19 abriu os olhos de muitas pessoas para a necessidade de mudanças. Uma recente pesquisa realizada em diversos países ao redor do mundo identificou um apoio global maciço a políticas e programas de apoio a pessoas particularmente vulneráveis, à assistência médica universal, ao empoderamento dos trabalhadores e a esforços sistêmicos de combate às mudanças climáticas e à desigualdade.²¹²

O setor privado está começando a unir forças com os que apoiam a necessidade de um afastamento do capitalismo do acionista – agora, não são apenas ativistas da sociedade civil que estão chamando atenção para a falta de sustentabilidade da prática empresarial tradicional. Mesmo antes da pandemia, investidores, CEOs e associações empresariais haviam começado a insistir na necessidade de mudanças transformadoras nas práticas empresariais.²¹³

No entanto, falar é fácil e o setor privado, por si só, dificilmente promoverá mudanças significativas em direção a um futuro mais sustentável. Estudos recentes revelaram o impacto limitado de iniciativas voluntárias – e isso se aplica tanto a iniciativas de Responsabilidade Social Corporativa²¹⁴ como a abordagens de múltiplas partes interessadas²¹⁵ e às contribuições de empresas para a consecução dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.²¹⁶

Cada empresa em atividade durante a pandemia está diante de um ponto de virada. Elas continuarão a concentrar seus esforços em satisfazer seus acionistas no curto prazo ou trabalharão no sentido de criar valor para todas

as suas partes interessadas no longo prazo? Elas efetivamente cumprirão suas promessas grandiosas e promoverão mudanças reais nos seus negócios principais que beneficiarão suas partes interessadas mais vulneráveis? Elas cortarão seus programas de sustentabilidade ou farão da sustentabilidade o eixo central dos seus negócios? Elas começarão a pagar sua parcela justa de impostos em vez de usar brechas na legislação para pagar o mínimo possível em impostos? Elas se calarão ou defenderão abertamente a necessidade uma tributação mais justa, proteções sociais sólidas e uma cobertura universal de saúde?

A COVID-19 deixou claro que um modelo econômico focado na extração de valor não nos permitirá superar os complexos e urgentes desafios dos nossos tempos. Felizmente, a ideia da primazia do acionista está perdendo força e o ²¹⁷ debate em torno do propósito das empresas está chegando aos altos escalões do poder corporativo.²¹⁸ Novas estruturas, como a da Economia Donut, estão desafiando a ortodoxia econômica e estimulando o pensamento criativo.²¹⁹

As recomendações da Oxfam dividem-se em três áreas: 1) responder à pandemia e às suas demandas por recursos adotando um imposto sobre lucros excedentes, 2) reformar o setor empresarial em quatro dimensões essenciais: propósito, pessoas, lucros e poder e 3) reconstruir nossas economias com base em modelos de negócios mais sustentáveis.

RESPONDER: TRIBUTAR SUPERLUCROS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 EM FAVOR DO BEM MAIOR

Com milhões de desempregados e governos lutando para responder eficazmente à pandemia, manter empresas que auferem lucros exorbitantes para os já ricos e bem relacionados deixou de ser suficiente. Esses lucros descomunais devem ser tributados para garantir condições iguais para todas as empresas e levantar os recursos tão necessários para financiar o auxílio emergencial e a recuperação da COVID.

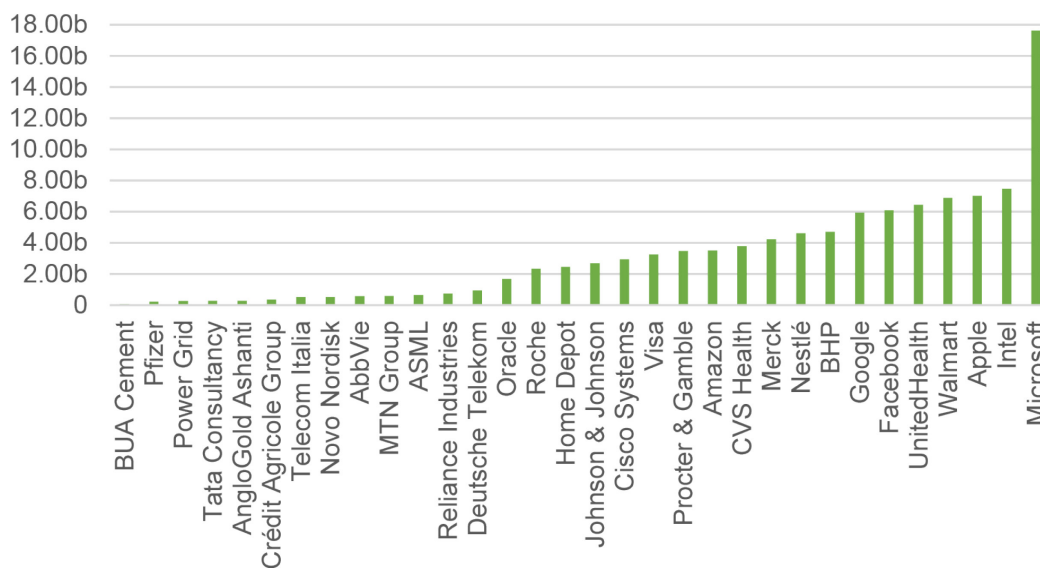
As empresas que mais se beneficiaram podem retribuir em bases mais significativas e democráticas. Durante a crise, milhares de empresas receberam benefícios econômicos diretamente dos contribuintes. As maiores e mais lucrativas empresas também receberam muita assistência pública indireta na forma de medidas de estímulo que permitiram que as pessoas continuassem gastando.

Para garantir condições de igualdade entre todas as empresas e evitar que as super lucrativas manipulem sua posição de força, chegou a hora de aplicar uma tributação adequada sobre os lucros excedentes auferidos pelas maiores empresas do mundo durante a pandemia. Usado como uma ferramenta popular e eficaz para muitos países aliados na Segunda Guerra Mundial, um imposto sobre lucros excedentes durante a pandemia²²⁰ incidiria sobre a parcela dos superlucros de grandes empresas não

resultante do seu trabalho duro, mas de um evento externo em cuja ocorrência elas não tiveram nenhuma participação.

Esse imposto sobre lucros excedentes durante a pandemia geraria novas receitas de bilhões de dólares necessárias para um novo começo após a pandemia. Considerando apenas as 32 empresas globais mais lucrativas analisadas no **Capítulo 3**, US\$ 104 bilhões poderiam ser arrecadados este ano para fazer frente à COVID-19 (Veja a **Figura 8**). Aplicado a todas as grandes empresas, um imposto sobre lucros durante a pandemia geraria receitas muito, mas muito maiores – que poderiam ser investidas em serviços essenciais, em infraestrutura comunitária e na satisfação de uma demanda mais localizada, beneficiando um número maior de pessoas e de pequenas e médias empresas.

Figura 8: Recursos públicos que a aplicação de um imposto sobre lucros durante a pandemia da COVID-19 a apenas 32 empresas super lucrativas poderia gerar (EF de 2020 em US\$)



Fonte: Estimativa da Oxfam, com base nos resultados das empresas; Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's²²¹

A recanalização dos lucros excedentes auferidos durante a pandemia apenas por essas 32 grandes empresas por meio desse imposto poderia contribuir muito para garantir melhores resultados na batalha de saúde pública contra a COVID-19 nos Estados Unidos e em outros países. Uma soma de US\$ 104 bilhões poderia salvar vidas e acelerar processos de recuperação, garantindo o financiamento necessário para satisfazer necessidades globais imediatas e permanentes de testes para o coronavírus, estimadas em US\$ 6 bilhões,²²² a aplicação de uma vacina contra a COVID-19 a todas as pessoas do planeta, incluindo as necessárias atividades de P&D, fabricação, aquisição, distribuição e aplicação, estimadas em US\$ 71 bilhões.²²³ Ela permitiria também que uma soma adicional de US\$ 33 bilhões fosse investida na construção de uma força de trabalho adequada para a linha de frente da saúde no século XXI.

Além de um imposto sobre lucros excedentes, **a concessão de auxílio emergencial para empresas deve estar condicionada à construção de uma economia mais justa para todos:**

- Pequenas empresas e trabalhadores por conta própria devem ser priorizados, pois eles são os menos equipados para fazer frente à pandemia.
- O apoio financeiro às empresas deve ser usado para preservar empregos.
- As empresas devem honrar contratos já firmados com fornecedores para proteger os trabalhadores da cadeia de suprimentos.
- Uma moratória deve ser imposta à bonificação de executivos e a todos os pagamentos a
- acionistas, que deve ser mantida durante pelo menos três anos após a concessão de auxílio emergencial pelo governo.
- Para empresas que receberem uma assistência específica para as suas necessidades, o apoio financeiro deve assumir a forma de empréstimos com juros ou de participação acionária do governo nelas.
- Empresas envolvidas em atividades de extração de combustível fóssil não deveriam receber nenhum auxílio emergencial.

REFORMAR: PROPÓSITO, PESSOAS, LUCROS E PODER

Este é o momento de os governos criarem incentivos e imporem limitações no sentido de controlar radicalmente o poder corporativo e criar uma economia para todos devidamente preparada para uma transição para um mundo permanentemente alterado pelas mudanças climáticas. Precisamos de um modelo econômico que priorize as pessoas, proteja as mais vulneráveis, compartilhe lucros equitativamente e se baseie efetivamente na democracia. Tanto os governos quanto o setor privado têm um papel a desempenhar nessa reforma.

Propósito: redefinição do "porquê" das empresas

O propósito das empresas é uma escolha de política. Ele enuncia a razão pela qual uma empresa é criada e o que ela busca alcançar.²²⁴ A redefinição do propósito de uma empresa pode ser uma alavanca crucial para a identificação de valores organizacionais essenciais que podem, por sua vez, moldar estratégias de negócios, definir critérios de desempenho, alocar recursos e estruturar suas relações com suas partes interessadas.²²⁵

Declaração de propósito

- Redefinir o propósito corporativo (no nível do conselho da empresa) no sentido de incluir suas partes interessadas, envolvendo funcionários, consumidores, comunidades afetadas e acionistas também.

Objetivos corporativos

- Exigir que a estratégia da empresa contemple objetivos não financeiros com base em critérios ambientais, sociais e de governança (ou seja, o bem-estar das pessoas, de comunidades e do meio ambiente).

Deveres fiduciários

- Os governos devem redefinir os deveres fiduciários dos executivos e do conselho das empresas no sentido de que, além de garantirem retornos para seus acionistas, contemplem o interesse público geral.

Remuneração corporativa

- Garantir que a remuneração corporativa não esteja vinculada a objetivos financeiros de curto prazo.

Economia cooperativa

- Promover estruturas empresariais equitativas que compartilhem valor com funcionários ou trabalhadores da cadeia de suprimentos, como cooperativas de trabalhadores, empresas de benefícios e empresas sociais.

Pessoas: priorização das pessoas nas atividades empresariais

As empresas devem redefinir seus modelos de negócios para que priorizem o bem-estar das pessoas nas suas atividades, cadeias de suprimentos e na sociedade de um modo geral – e elas devem ser estimuladas a fazer isso. Para esse fim, será necessário investir em empregos decentes, considerando riscos para os direitos humanos e apoiando esforços em prol da proteção social universal.

Trabalho decente

- Os governos devem exigir e as empresas devem pagar salários dignos,²²⁶ oferecer condições de trabalho seguras e saudáveis e trabalhar com sindicatos no sentido de fortalecer o poder de negociação dos trabalhadores.
- Os governos devem exigir e as empresas devem oferecer licenças remuneradas e garantir que as mulheres tenham oportunidades iguais de promoção.
- As empresas devem eliminar práticas comerciais que acarretem níveis indevidos de risco e imponham pressões por cortes de custos aos seus fornecedores.
- As empresas devem dar preferência a fornecedores que garantam um salário digno aos seus funcionários e sejam sindicalizados.

Direitos humanos

- Os governos devem exigir e as empresas devem adotar uma abordagem de devida diligência em direitos humanos²²⁷ e identificar, prevenir, mitigar e prestar contas por riscos a direitos humanos associados a modelos de negócios nas suas operações e cadeias de suprimentos.

- Os governos devem apoiar a adoção do Tratado das Nações Unidas sobre Empresas e Direitos Humanos, além de garantir que os Princípios Orientadores das Nações Unidas sobre Empresas e Direitos Humanos sejam implementados em nível nacional. Esse tratado da ONU deve estabelecer padrões vinculativos para os Estados, incluindo um reconhecimento de que as empresas têm responsabilidades legais em relação aos direitos humanos e trabalhistas, e garantir que esses padrões sejam observados na prática, com base em disposições que prevejam sanções e mecanismos para apresentação de queixas e reparação para as partes afetadas.

Proteção social

- Os governos devem oferecer e as empresas devem apoiar a proteção social universal, incluindo o reconhecimento do trabalho de cuidados não remunerado e proteções trabalhistas sólidas.

Lucros: garantia de uma parcela justa para as partes interessadas

As contribuições das empresas para um futuro sustentável devem incluir mecanismos filantrópicos e redistributivos (ou seja, mecanismos tributários), mas não devem se limitar a eles. Elas devem levar em consideração como uma empresa distribui seus lucros e a capacidade das partes interessadas de se beneficiarem diretamente dos seus lucros (por exemplo, por meio dos salários que ganham e/ou participações societárias).

Distribuição de lucros e dividendos a acionistas

- Os governos devem exigir e as empresas devem estabelecer um teto para os dividendos a serem pagos aos seus acionistas. Não devem ser distribuídos dividendos até que uma empresa esteja pagando um salário digno a todos os trabalhadores e investindo adequadamente na transição para uma economia de baixo carbono.

Tributação

- Os governos devem proibir recompras de ações no mercado aberto como uma condição para receber assistência governamental como um ponto de partida para a reconsideração de recompras desnecessárias no mercado aberto.
- Os governos devem criar um sistema tributário mais progressivo e equitativo.
- Os governos devem garantir que grandes empresas multinacionais paguem sua parcela justa de impostos nos locais onde desenvolvem suas atividades econômicas, inclusive por meio de um imposto corporativo mínimo global definido no nível de cada país.²²⁸
- Os governos devem promulgar um imposto sobre lucros durante a pandemia da COVID-19 para grandes empresas, como discutido acima.

Remuneração de CEOs

- Os governos devem exigir que as empresas estabeleçam uma taxa mediana de remuneração máxima de 20 para 1 entre CEOs e funcionários.²²⁹

Cadeias de suprimentos

- As empresas devem trabalhar com partes interessadas no sentido de garantir salários/rendas dignos para pessoas em situação de pobreza nas suas cadeias de suprimentos.

Recuperação ecológica

- Os governos devem criar pacotes de ajuda e recuperação econômicas para acelerar a transição para uma economia de baixo carbono.
- Os governos devem exigir e as empresas devem assumir o compromisso de promover ações transformacionais para reduzir suas emissões de gases de efeito estufa de acordo com o disposto no Acordo de Paris e com a meta de redução da temperatura global em 1,5°C.
- Os governos não devem conceder nenhum auxílio emergencial a empresas envolvidas na extração de combustível fóssil.

Titularidade de empresas

- Os governos devem estimular as empresas a democratizar sua estrutura societária por meio de mecanismos como esquemas de participação nos lucros e planos de titularidade compartilhada com funcionários.
- Os governos devem construir e as empresas devem apoiar a economia solidária, incentivando a criação e a expansão de cooperativas e outros tipos de empresas orientadas para satisfazer as necessidades das suas partes interessadas.

Poder: plena transparência e reforma da governança corporativa

Para que a autenticidade seja inculcada no propósito das empresas, ela precisa ser validada na estrutura e prática organizacionais. O propósito de uma empresa decorre dos interesses das pessoas responsáveis por ela. A plena transparência é uma condição necessária (mas não suficiente) para reequilibrar as relações de poder entre as empresas e suas partes interessadas. A reforma da governança corporativa em sintonia com o propósito público pode eliminar essa deficiência e reequilibrar as relações de poder entre as partes interessadas de uma empresa.

Transparência

- Os governos devem exigir e as empresas devem divulgar publicamente e limitar as diferenças salariais entre CEOs e trabalhadores por quartil, gênero e país.
- Os governos devem exigir e as empresas devem divulgar publicamente riscos a direitos humanos e apoiar a devida diligência em direitos humanos como um requisito obrigatório.
- Os governos devem exigir que grandes empresas divulguem publicamente seus relatórios financeiros e fiscais país por país.

- Os governos devem exigir e as empresas devem divulgar publicamente sua pegada de carbono com informações sobre emissões diretas e indiretas, a trajetória necessária para se alinharem com um cenário de redução da temperatura global em 1,5°C²³⁰ e seus planos anuais de investimento para alcançar essa meta.

Negociações coletivas

- Os governos devem apoiar e as empresas devem respeitar direitos de negociação coletiva e se engajar com sindicatos independentes.
- Os governos devem apoiar e as empresas devem permitir que os trabalhadores se expressem com segurança e eficácia nas suas operações e cadeias de suprimentos.
- As empresas devem criar um mecanismo robusto de queixas para seus funcionários e trabalhadores nas suas cadeias de abastecimento.

Governança corporativa

- Os governos devem exigir e as empresas devem estabelecer um requisito de paridade de gênero para os membros do seu conselho, executivos e gerentes.
- As empresas devem priorizar fornecedores que deem mais voz, poder e valor a trabalhadores e agricultores por meio da sua estrutura societária e de governança.

Relações com governos

- Os governos devem desempenhar um papel eficaz na criação de uma sociedade próspera limitando a influência política das empresas e protegendo os direitos das comunidades por meio de uma abordagem equilibrada.

Medidas antitruste

- Os governos devem prevenir e reverter níveis elevados de concentração de mercado, comportamento anticompetitivo e uso indevido de poder de mercado.

RECONSTRUIR: PROMOÇÃO DE ALTERNATIVAS VIÁVEIS

A proposta de uma mudança fundamental nos modelos de negócios não é utópica. Há alternativas viáveis e que continuam a ganhar força. Empresas sociais, cooperativas, empresas orientadas por uma missão e empresas de comércio justo são apenas alguns exemplos da gama diversificada de organizações que prioriza os interesses dos trabalhadores, dos agricultores, das comunidades e do meio ambiente e não a geração de retornos para investidores.

Além de desejáveis, esses modelos também são viáveis. Empresas sociais e cooperativas sobreviveram a crises e convulsões. Por exemplo, empresas de comércio justo são quatro vezes menos propensas a se tornarem insolventes do que PMEs regulares – não porque são mais lucrativas, mas

porque mantêm seus compromissos com seus trabalhadores, parceiros e comunidades, os quais, por sua vez, mantêm seus compromissos com elas.²³¹

Empresas com forte participação das suas partes interessadas são mais propensas a aderir a práticas empresariais responsáveis. Um estudo realizado recentemente na Alemanha revelou que empresas públicas com forte representação dos trabalhadores nos seus conselhos pagam, em média, 4% a mais de impostos e são menos propensas a usar esquemas de evasão fiscal.²³² Da mesma forma, empresas pertencentes a funcionários e empresas pertencentes a Funcionários orientadas por uma missão superam consistentemente as empresas convencionais em questões sociais e ambientais.²³³

NOTAS

Todos os links foram acessados pela última vez em 13 de agosto de 2020, a menos que especificado em contrário.

- 1 Oxfam America. (2020). Disposable: In the face of COVID19, the poultry industry seems willing to pay for cheap chicken with workers' lives. https://assets.oxfamamerica.org/media/documents/Disposable_Poultry_COVID.pdf
- 2 As estimativas do impacto da COVID-19 sobre a pobreza global variam e dependerão da evolução do custo econômico da pandemia. Duas projeções nesse sentido são as seguintes:

A. Sumner, C. Hoy e. Ortiz-Juarez. (2020). Estimates of the impact of COVID-19 on global poverty. Universidade das Nações Unidas. <https://www.wider.unu.edu/sites/default/files/Publications/Working-paper/PDF/wp2020-43.pdf>

Banco Mundial. (8 de junho de 2020). Projected poverty impacts of COVID-19 (coronavirus). <http://pubdocs.worldbank.org/en/461601591649316722/Projected-poverty-impacts-of-COVID-19.pdf>
- 3 Oxfam (2020). O vírus da fome: como o coronavírus está potencializando a fome em um mundo faminto. <https://www.oxfam.org/en/research/hunger-virus-how-covid-19-fuelling-hunger-hungry-world>
- 4 OIT (2019). Relatório "World Employment and Social Outlook – Trends 2019". https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_670171/lang--en/index.htm
- 5 Organização Internacional do Trabalho (OIT). (30 de junho de 2020). ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Quinta edição. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_749399.pdf
- 6 N. Timiaras. (12 de junho de 2020). Fed Report Says Coronavirus Shock Has Hit Low-Wage Workers Hardest. Jornal he Wall Street Journal. <https://www.wsj.com/articles/fed-report-says-coronavirus-shock-has-hit-low-wage-workers-hardest-11591985092>
- 7 H. Shaikh. (13 de maio de 2020). Responding to the impacts of COVID-19 on informal workers in South Asia. Centro de Crescimento Internacional. Postagem em blog. <https://www.theigc.org/blog/responding-to-the-impacts-of-covid-19-on-informal-workers-in-south-asia/>
- 8 Aajeevika Bureau. (2020). Unlocking the Urban: Reimagining Migrant Lives in Cities Post-COVID 19: Highlights of the Study. <http://www.aajeevika.org/assets/pdfs/Unlocking%20the%20Urban%20-%20English%20Summary.pdf>
- 9 OIT (2019). (29 de abril de 2020). ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Terceira edição. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_743146.pdf
- 10 A. Madgavkar, O. White, M. Krishnan, D. Mahajan e X. Azcue. (15 de julho de 2020). COVID-19 and gender equality: Countering the regressive effects. <https://www.mckinsey.com/featured-insights/future-of-work/covid-19-and-gender-equality-countering-the-regressive-effects>
- 11 Os impactos de gênero da pandemia são claríssimos em outras áreas, acarretando riscos para a saúde sexual e reprodutiva das mulheres, impactos desproporcionalmente intensos em termos de insegurança alimentar para mulheres e taxas mais altas de violência doméstica decorrentes de medidas de lockdown. Veja:

M. Gates. (15 de Julho de 2020). The Pandemic's Toll on Women. Revista Foreign Affairs. <https://www.foreignaffairs.com/articles/world/2020-07-15/melinda-gates-pandemics-toll-women>

-
- C. Bettinger-Lopez e A. Bro. (13 de maio de 2020). A Double Pandemic: Domestic Violence in the Age of COVID-19. Conselho de Relações Exteriores. <https://www.cfr.org/in-brief/double-pandemic-domestic-violence-age-covid-19>
- 12 Dados de 2018 extraídos da Fortune: <https://fortune.com/global500/>
Dados de 2009 extraídos do site CNN Money: https://money.cnn.com/magazines/fortune/global500/2009/full_list/index.html.
- 13 O. Tonby e A. Madgavkar. (2018). The role companies play in boosting growth in emerging markets. Instituto Global McKinsey. <https://www.mckinsey.com/mgi/overview/in-the-news/the-role-companies-play-in-boosting-growth-in-emerging-markets>
- 14 OIT (2020). World Employment and Social Outlook – Trends 2020. <https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2020/lang--en/index.htm> 15 Tax Justice Network (2017). Tax avoidance and evasion - The scale of the problem. <https://www.taxjustice.net/wp-content/uploads/2017/11/Tax-dodging-the-scale-of-the-problem-TJN-Briefing.pdf>
- 15 Rede de Justiça Tributária (2017). Tax avoidance and evasion - The scale of the problem. <https://www.taxjustice.net/wp-content/uploads/2017/11/Tax-dodging-the-scale-of-the-problem-TJN-Briefing.pdf>
- 16 W. Ding, R. Levine, C. Lin e W. Xie. (2020). Corporate Immunity to the COVID-19 Pandemic. Birô Nacional de Pesquisas Econômicas. Documento de trabalho. <https://www.nber.org/papers/w27055>
- 17 W. Lazonick, Ö. Tulum, M. Hopkins, M.E. Sakiñç e K. Jacobson. (2019). Financialization of the U.S. Pharmaceutical Industry. Instituto para um Novo Pensamento Econômico (INET). <https://www.ineteconomics.org/perspectives/blog/financialization-us-pharma-industry>
- 18 Banco de dados Compustat da Standard & Poor's e relatórios anuais das empresas; cálculos de Mustafa Erdem Sakiñç e Emre Gömec da Rede de Pesquisas Acadêmico-Industriais
- 19 Fortuna Advisors (maio de 2020). 2020 Fortuna Advisors Buyback ROI Report. <http://fortuna-advisors.com/wp-content/uploads/2020/05/2020-FINAL-Fortuna-Buyback-ROI-Report.pdf>
- 20 Inicialmente, a Oxfam criou uma amostra das 25 empresas mais lucrativas listadas no Índice S&P Global 100 de acordo com seu EBIDTA (nos últimos doze meses [TTM] no exercício fiscal de 2020) em 15 de julho. Dentro dessa amostra, analisamos as respectivas demonstrações de ganhos das empresas (corroboradas pela plataforma Capital IQ) para definir a) seu lucro líquido (global), b) o total de dividendos pagos e c) o volume de recompra de ações ordinárias e preferenciais (líquido). O primeiro indicador foi usado como denominador e a soma dos dois segundos indicadores foi usada como numerador para definir a taxa de distribuição de lucros e dividendos a acionistas. A análise foi realizada em dólares dos Estados Unidos, usando a taxa de câmbio histórica para empresas que não elaboram suas demonstrações financeiras em dólares americanos. [Obs.: Os valores não foram ajustados pela inflação.] Veja a nota metodológica para obter informações mais detalhadas.
- 21 Análise da Oxfam das demonstrações de resultados das empresas; Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's.
- 22 Na sua resposta à solicitação de comentários encaminhada pela Oxfam, a Chevron afirmou que a sua maior prioridade - que também é a dos investidores - é a de "proteger os dividendos".
- 23 Análise da Oxfam das demonstrações de resultados das empresas; Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's.
- 24 Análise da Oxfam das demonstrações de resultados das empresas; Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's.
- 25 M.E. Sakiñç. (2017). Share Repurchases in Europe: A Value Extraction Analysis. Projeto ISI Growth. <http://www.isigrowth.eu/2017/06/15/share-repurchases-in-europe-a-value-extraction-analysis/>
- 26 Q. Parrinello. (2020). CAC 40: des profits sans lendemain ?

Inégalités, climat: pistes pour bâtir l'entreprise du monde d'après. Oxfam França. [Francês]. https://www.oxfamfrance.org/wp-content/uploads/2020/06/Rapport_CAC40_Oxfam_Basic_22juin2020.pdf

- 27 Ibid
- 28 A. Baker, C. Haslam, A. Leaver, R. Murphy, L. Seabrooke, S. Stausholm e D. Wigan. (2020). Against Hollow Firms: Repurposing The Corporation For A More Resilient Economy. Centro de Pesquisas Contextualizadas em Contabilidade e Finanças da Universidade de Sheffield. https://www.sheffield.ac.uk/polopoly_fs/1.892482!/file/Against-Hollow-Firms.pdf
- 29 W. Turvill. (18 de março de 2020). US airlines pushing for massive bailout gave \$45bn to shareholders in five years. Revista The Guardian. <https://www.theguardian.com/business/2020/mar/18/america-airlines-bailout-shareholders-coronavirus>
- 30 A. Kotoky, M. Modi e M. Turner. (24 de Julho de 2020). Covid 19 impact: Jobs are being wiped out at airlines worldwide, and there's worse to come. Jornal The Economic Times. <https://economictimes.indiatimes.com/news/international/business/jobs-are-being-wiped-out-at-airlines-and-theres-worse-to-come/articleshow/77140124.cms>
- 31 W. Lazonick e M. Hopkins. (24 de Julho de 2020). The \$5.3 Trillion Question Behind America's COVID-19 Failure. INET e revista The American Prospect. <https://www.ineteconomics.org/perspectives/blog/the-5-3-trillion-question-behind-americas-covid-19-failure>
- 32 Janus Henderson (2020). Índice Global de Dividendos 2020. https://cdn.janushenderson.com/webdocs/JHGDI+Ed+26+Report+_US.pdf
- 33 Oxfam Brasil (2017). A Distância Que Nos Une. <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/a-distancia-que-nos-une/>
- 34 J.P. Morgan. (2019). Stock Buybacks: Is Excess Cash Being Spent Wisely? <https://www.jpmorgan.com/global/research/stock-buybacks>
- 35 N. Acharya. (8 de Julho de 2019). Banner Year of Share Buybacks in India Runs Into Tax Roadblock. Bloomberg. <https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-07-08/banner-year-of-share-buybacks-in-india-runs-into-tax-roadblock>
- 36 N. Wesson, B.W. Bruwer e W.D. Hamman. (2015). Share repurchase and dividend payout behaviour: The South African experience. South African Journal of Business Management 46(3): 43–54. <https://sajbm.org/index.php/sajbm/article/view/100/97>
- 37 N. Acharya. (8 de Julho de 2019). Banner Year of Share Buybacks in India Runs Into Tax Roadblock. Bloomberg. <https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-07-08/banner-year-of-share-buybacks-in-india-runs-into-tax-roadblock>
- 38 Desde então, a Netcare suspendeu sua distribuição de dividendos devido à COVID-19. Veja: Agência Reuters. (30 de março de 2020). UPDATE 1-South Africa's Netcare scraps 2020 outlook due to coronavirus. <https://www.reuters.com/article/netcare-outlook/update-1-south-africas-netcare-scraps-2020-outlook-due-to-coronavirus-idUSL8N2BN61G>
- 39 Oxfam África do Sul. (2020). The Right to Dignified Care Work is a Right to Dignified Health Care For All. https://www.oxfam.org.za/wp-content/uploads/2020/07/Oxfam_Care4Carers-Report_Final_20200701.pdf
- 40 Ibid
- 41 Análise da Oxfam das demonstrações de resultados das empresas; Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's.
- 42 Lazonick, W (2014). Why Stock Buybacks Are Dangerous for the Economy. <https://hbr.org/2020/01/why-stock-buybacks-are-dangerous-for-the-economy>
- 43 <https://www.yalejreg.com/bulletin/the-1-trillion-question-new-approaches-to-regulating-stock-buybacks-2/>
- 44 Contas Financeiras Distribucionais do Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos, Distribuição da Riqueza das Famílias nos Estados Unidos desde 1989, disponível em <https://www.federalreserve.gov/default.htm>
- 45 QuickFacts, Departamento do Censo dos Estados Unidos, disponível em <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/US#>

-
- 46 Conselho de Governadores do Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos, Dados das Contas Financeiras Distribucionais para o primeiro trimestre de 2020, disponível em <https://www.federalreserve.gov/releases/z1/dataviz/dfa/>
 - 47 QuickFacts, Departamento do Censo dos Estados Unidos, disponível em <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/US#>
 - 48 http://highpaycentre.org/files/Shareholder_Returns_report_November_2019_%281%29.pdf
 - 49 Q. Parrinello. (2020). CAC 40 : des profits sans lendemain?
Inégalité, climat: pistes pour bâtir l'entreprise du monde d'après. Oxfam France. [French]. https://www.oxfamfrance.org/wp-content/uploads/2020/06/Rapport_CAC40_Oxfam_Basic_22juin2020.pdf
 - 50 http://www.treasury.gov.za/comm_media/press/2017/2017100301%20Ownership%20monitor%20-%20Sept%202017.pdf
 - 51 Com base em dados extraídos da lista dos bilionários globais da revista Forbes de 2020: <https://www.forbes.com/billionaires/> e <https://www.forbes.com/sites/jonathanponciano/2020/04/08/the-countries-with-the-most-billionaires-in-2020/#6bda39ea4429>
 - 52 Deutsches Aktieninstitut (2019). Aktionärszahlen des deutschen Aktieninstituts 2019. https://www.dai.de/files/dai_usercontent/dokumente/Statistiken/200228_Aktionaerszahlen%202019_Deutsches%20Aktieninstitut.pdf
<https://www.nytimes.com/2019/03/04/opinion/sanders-stock-buybacks.html>
 - 53 Centro Transamérica de Estudos sobre Aposentadoria (2019). 19 Facts About Women's Retirement Outlook. https://www.transamericacenter.org/docs/default-source/women-and-retirement/tcrs2019_sr_women_and_retirement_research_report.pdf
 - 54 <https://www.nytimes.com/2019/03/04/opinion/sanders-stock-buybacks.html>
 - 55 <https://prospect.org/economy/stock-buybacks-undermine-sustainable-prosperity/>
 - 56 Lawrence Mishel e Julia Wolfe, CEO Compensation has grown 940% since 1978, typical worker compensation has risen only 12% during that time, agosto de 2019 <https://www.epi.org/files/pdf/171191.pdf>
 - 57 <https://www.sec.gov/news/speech/speech-jackson-061118>
 - 58 <https://www.sec.gov/Archives/edgar/data/310158/000121465919003096/j51191px14a6g.htm>
 - 59 A. Baker, C. Haslam, A. Leaver, R. Murphy, L. Seabrooke, S. Stausholm e D. Wigan. (2020). Against Hollow Firms: Repurposing The Corporation For A More Resilient Economy. Centro de Pesquisas Contextualizadas em Contabilidade e Finanças da Universidade de Sheffield. https://www.sheffield.ac.uk/polopoly_fs/1.892482!/file/Against-Hollow-Firms.pdf
 - 60 Janus Henderson (2020). Global Dividend Index 2020. https://cdn.janus Henderson.com/webdocs/JHGDI+Ed+26+Report+_US.pdf
 - 61 T. Mullaney. (5 de junho de 2020). Why the populist win in war against stock buybacks didn't slow the market. CNBC. <https://www.cnbc.com/2020/06/05/populism-worked-on-buybacks-but-can-bull-market-without-them-last.html>
 - 62 R. Henderson. (31 de Julho de 2020). US companies cling to share buybacks despite collapse in profits. Jornal Financial Times. <https://www.ft.com/content/1c924be0-5bc0-4eba-a088-b98b13080c04>
 - 63 <https://www.citizen.org/article/the-peoples-vaccine/>
 - 64 Wall Street Journal (2020). Companies Are Suspending Dividends at Fastest Pace in Years.
<https://www.wsj.com/articles/companies-are-suspending-dividends-at-fastest-pace-in-years-11588075203>
 - 65 Oxfam América. (2020). Pandemic Profits Exposed: A COVID-19 Pandemic Profits Tax as one essential tool to reverse inequalities and rebuild better post-pandemic. Briefing de imprensa. <https://www.oxfamamerica.org/explore/research-publications/pandemic-profits-exposed/>

-
- 66 Análise da Oxfam das declarações de resultados das empresas do exercício fiscal de 2016 até o segundo trimestre do exercício fiscal de 2020; CapIQ. Veja a nota metodológica para obter informações mais detalhadas.
- 67 Os "lucros durante a pandemia" são definidos simplesmente como a diferença entre os lucros no exercício fiscal de 2020 (relação preço-receita [últimos doze meses - TTM] e a média registrada no período dos exercícios fiscais de 2016 a 2019. Veja a nota metodológica para obter informações mais detalhadas.
- 68 Jornal Financial Times. (19 de junho de 2020). Prospering in the pandemic: the top 100 companies. <https://www.ft.com/content/844ed28c-8074-4856-bde0-20f3bf4cd8f0>
- 69 Revista Forbes. (2020). Forbes Billionaires 2020. <https://www.forbes.com/billionaires/>
- 70 J. Ponciano. (23 de maio de 2020). The World's 25 Richest Billionaires Have Gained Nearly \$255 Billion In Just Two Months. Revista Forbes. <https://www.forbes.com/sites/jonathanponciano/2020/05/22/billionaires-zuckerberg-bezos/>.
- 71 Americanos pela Justiça Fiscal e Instituto de Estudos sobre Políticas. (2020). 5 Months Into Pandemic, Billionaires' Total Wealth Has Ballooned by Nearly \$800 Billion. <https://americansfortaxfairness.org/issue/5-months-pandemic-billionaires-total-wealth-ballooned-nearly-800-billion/>
- 72 Análise da Oxfam das demonstrações de resultados das empresas. Veja a nota metodológica para obter informações mais detalhadas.
- 73 Revista The Economist. (18 de junho de 2020). The pandemic has shown that Amazon is essential—but vulnerable. <https://www.economist.com/leaders/2020/06/18/the-pandemic-has-shown-that-amazon-is-essential-but-vulnerable>
- 74 Números sobre empregos baseados nas demonstrações financeiras trimestrais da Amazon publicadas em 30 de julho de 2020: https://s2.q4cdn.com/299287126/files/doc_financials/2020/q2/Q2-2020-Amazon-Earnings-Release.pdf
- 75 S. Herrera. (14 de abril de 2020). Fired Amazon Warehouse Workers Accuse Company of Retaliation, Which It Denies. Jornal he Wall Street Journal. <https://www.wsj.com/articles/fired-amazon-warehouse-workers-accuse-company-of-retaliation-which-it-denies-11586891334>
- 76 H. Gold. (19 de maio de 2020). Amazon is reopening its warehouses in France after dispute with workers ends. CNN. <https://www.cnn.com/2020/05/19/tech/amazon-france-reopen/index.html>
- 77 Ibid.
- 78 Fiscal eleitoral da cidade de Nova York, Scott M. Stringer. (14 de maio de 2020). Comptroller Stringer, NYC Funds and APG Urge Transparency from Amazon's Independent Directors Regarding Employee Health and Safety Initiatives Amid COVID-19 Pandemic. Declaração. <https://comptroller.nyc.gov/newsroom/comptroller-stringer-nyc-funds-and-apg-urge-transparency-from-amazons-independent-directors-regarding-employee-health-and-safety-initiatives-amid-covid-19-pandemic/>
- 79 T. Huddleston. (4 de fevereiro de 2020). Amazon had to pay federal income taxes for the first time since 2016 — here's how much. CNBC. <https://www.cnbc.com/2020/02/04/amazon-had-to-pay-federal-income-taxes-for-the-first-time-since-2016.html>
- 80 S. Woodhouse e B. Brody. (21 de Julho de 2020). Amazon Sets New Lobbying Record as Tech Antitrust Scrutiny Grows. Bloomberg. <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-07-21/amazon-sets-new-lobbying-record-as-tech-antitrust-scrutiny-grows>
- 81 S. Vaheesan. (16 de Julho de 2020). Imagining a Democratic Amazon. Democracy Journal. <https://democracyjournal.org/arguments/imagining-a-democratic-amazon/>
- 82 Good Jobs First. (2020). COVID Stimulus Watch Individual Entry. Dados extraídos do site Amazon.com. <https://data.covidstimuluswatch.org/individual-record/amazoncom-inc>
- 83 Cálculos baseados em: Jornal Financial Times. (19 de junho de 2020). Prospering in the pandemic: the top 100 companies. <https://www.ft.com/content/844ed28c-8074-4856-bde0-20f3bf4cd8f0>

-
- 84 Good Jobs First. (2020). COVID Stimulus Watch Individual Entry. Amazon.com data. <https://data.covidstimuluswatch.org/individual-record/amazoncom-inc>
- 85 Cálculos baseados em: Jornal Financial Times. (19 de junho de 2020). Prospering in the pandemic: the top 100 companies. <https://www.ft.com/content/844ed28c-8074-4856-bde0-20f3bf4cd8f0>
- 86 Com base nos segundos índices: Dow Jones (Estados Unidos), Bovespa (Brasil), Sensex (Índia), e JSE All Share Index (África do Sul).
- 87 E. Yardeni. (11 de julho de 2020). The Magnificent Six Stocks That Are Gobbling Up Market Share. Postagem em blog. <http://blog.yardeni.com/2020/07/the-magnificent-six-stocks-that-are.html>
- 88 Kimberly A. Clausing, PROFIT SHIFTING AND U.S. CORPORATE TAX POLICY REFORM (May 2016), <http://equitablegrowth.org/report/profit-shifting-and-u-s-corporate-tax-policy-reform/>
- 89 <https://givingusa.org/tag/giving-usa-2017/>
- 90 <https://www.crisil.com/content/dam/crisil/crisil-foundation/generic-pdf/rs-50000cr-the-crisil-csr-yearbook-2019-new.pdf>; <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/jid.3348>
- Congresso dos Estados Unidos. (2020). H.R.748 CARES Act. <https://www.congress.gov/bill/116th-congress/house-bill/748/>
- 91 Análise baseada em dados financeiros das empresas disponíveis na plataforma CapIQ (lucros operacionais) e declarações públicas (doações para respostas à COVID-19). Veja a nota metodológica para obter informações mais detalhadas.
- 92 K. Schwab. (25 de março de 2020). COVID-19 is a litmus test for stakeholder capitalism. World Economic Forum. <https://www.weforum.org/agenda/2020/03/covid-19-is-a-litmus-test-for-stakeholder-capitalism/>
- 93 B. George. (15 de maio de 2020). Thanks to COVID-19, Stakeholder Capitalism Is Here To Stay. LinkedIn. <https://www.linkedin.com/pulse/stakeholder-capitalism-here-stay-bill-george/>
- 94 O banco de dados é o resultado de uma análise de matérias jornalísticas sobre casos de má conduta empresarial diante da COVID-19. Embora se baseie exclusivamente em fontes de notícias confiáveis, o banco de dados não é abrangente e não nos permite garantir a precisão de cada exemplo. O objetivo do banco de dados é gerar uma imagem agregada da natureza generalizada do problema.
- 95 Reuters. (30 de março de 2020). French companies benefiting from state aid can't buy back shares: minister. <https://www.reuters.com/article/us-france-business-buybacks/french-companies-benefiting-from-state-aid-cant-buy-back-shares-minister-idUSKBN21H0S8>
- Congresso dos Estados Unidos. (2020). Lei H.R.748 (CARES Act).
- 96 Z. Boren. (4 de junho de 2020). Pesticide giant gets £1bn bailout despite mammoth dividend plan. Site Unearthed do Greenpeace. <https://unearthed.greenpeace.org/2020/06/04/basf-bayer-covid-bailout-dividends/>
- 97 BASF. (sem data). Dividend. <https://www.basf.com/global/en/investors/share-and-adrs/dividend.html>
- 98 Análise da Oxfam das demonstrações de resultados das empresas; Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's.
- 99 Q. Parrinello. (2020). CAC 40.
- 100 A. Scott, R. Kerber, J. DiNapoli e R. Spalding. (8 de abril de 2020). U.S. companies criticized for cutting jobs rather than investor payouts. Agência Reuters. <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-corporatelayoffs-a/u-s-companies-criticized-for-cutting-jobs-rather-than-investor-payouts-idUSKBN21Q24Z>
- 101 P. Whoriskey. (5 de maio de 2020). U.S. companies cut thousands of workers while continuing to reward shareholders during pandemic. Jornal The Washington Post. <https://www.washingtonpost.com/business/2020/05/05/dividends-layoffs-coronavirus/>
- 102 Agência de notícias on-line Sahara Reporters. (19 de junho de 2020). EXCLUSIVE: How Dangote Cement Fired More Than 3000 Staff Without Notice, Due Process.

<http://saharareporters.com/2020/06/19/exclusive-how-dangote-cement-fired-more-3000-staff-without-notice-due-process>

- 103 Análise da Oxfam das demonstrações de resultados das empresas; Plataforma Capital IQ da Standards & Poor's.
- 104 M-L. McNamara. (10 de junho de 2020). Anger at huge shareholder payout as US chain Kohl's cancels \$150m in orders. Revista The Guardian. <https://www.theguardian.com/global-development/2020/jun/10/anger-at-huge-shareholder-payout-as-us-chain-kohls-cancels-150m-in-orders>
- 105 O. Sachgau e C. Rauwald. (14 de maio de 2020). BMW's \$1.8 Billion Dividend Draws Scrutiny With Workers in Limbo. Bloomberg. <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-05-14/bmw-faces-scrutiny-over-1-8-billion-dividend-amid-virus-impact>
- 106 S. Christ. (13 de maio de 2020). Occidental's lobbying pays off as it stands to benefit from coronavirus bailout. ONG Global Witness. <https://www.globalwitness.org/en/campaigns/oil-gas-and-mining/occidental-lobbying-pays-off-stands-to-benefit-from-coronavirus-bailout/>
- 107 J.A. Dlouhy. (15 de maio de 2020). 'Stealth Bailout' Shovels Millions of Dollars to Oil Companies. Bloomberg. <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-05-15/stealth-bailout-shovels-millions-of-dollars-to-oil-companies>
- 108 W. van Lierop. (6 de dezembro de 2019). Yes, Fossil Fuel Subsidies Are Real, Destructive And Protected By Lobbying. Revista Forbes. <https://www.forbes.com/sites/walvanlierop/2019/12/06/yes-fossil-fuel-subsidies-are-real-destructive-and-protected-by-lobbying/#23154e7e417e>
- 109 R. Dezember. (1 de janeiro de 2020). Energy Producers' New Year's Resolution: Pay the Tab for the Shale Drilling Bonanza. Jornal he Wall Street Journal. <https://www.wsj.com/articles/energy-producers-new-years-resolution-pay-the-tab-for-the-shale-drilling-bonanza-11577880001>
- 110 C. Helman. (8 de junho de 2020). BP Set To Slash 10,000 Jobs: 'I Can't Make Your Worries Disappear,' Says CEO. Revista Forbes. <https://www.forbes.com/sites/christopherhelman/2020/06/08/bp-set-to-slash-10000-jobs-i-cant-make-your-worries-disappear-says-ceo/>
- 111 T. Borden, A. Akhtar e J. Hadden. (10 de agosto de 2020) The coronavirus outbreak has triggered unprecedented mass layoffs and furloughs. Here are the major companies that have announced they are downsizing their workforces. Site de notícias Business Insider. <https://www.businessinsider.com/coronavirus-layoffs-furloughs-hospitality-service-travel-unemployment-2020>
- 112 <https://www.bp.com/en/global/corporate/news-and-insights/press-releases/bernard-looney-announces-new-ambition-for-bp.html>; ... A Shell também vem logo atrás. <https://www.shell.com/energy-and-innovation/the-energy-future/shells-ambition-to-be-a-net-zero-emissions-energy-business.html>;
- 113 P. Pattison. (26 de março de 2020). Despite coronavirus, it's 'business as usual' for World Cup workers in Qatar. Revista The Guardian. <https://www.theguardian.com/global-development/2020/mar/26/despite-coronavirus-its-business-as-usual-for-world-cup-workers-in-qatar>
- 114 Observatorio de Conflictos Mineros de América Latina. (julho de 2020). Perú: 140.000 trabajadores de 57 empresas mineras retomaron labores en medio de crisis sanitaria. Centro de Informação sobre Empresas e Direitos Humanos (BHRRC). [Espanhol] <https://www.business-humanrights.org/es/per%C3%BA-140000-trabajadores-de-57-empresas-mineras-retomaron-labores-en-medio-de-crisis-sanitaria>
- 115 HRW. (11 de junho de 2020). DR Congo: Mine Workers at Risk During Covid-19. <https://www.hrw.org/news/2020/06/11/dr-congo-mine-workers-risk-during-covid-19#>
- 116 BHRRC. (2020a). Mexico: Equinox Gold accused of violating the right to health of their workers during the Covid-19 pandemic; inclui resposta da empresa. <https://www.business-humanrights.org/en/mexico-equinox-gold-accused-of-violating-the-right-to-health-of-their-workers-during-the-covid-19-pandemic-incl-company-response>
- 117 A-C. Brigada. (27 de maio de 2020). Contentious Guatemala nickel mine 'ignores coronavirus lockdown'. Mongabay. <https://news.mongabay.com/2020/05/contentious-guatemala-nickel-mine-ignores-coronavirus-lockdown/>

-
- 118 En-Contact. (21 de abril de 2020). UNI Global Union Files Complaint Against Teleperformance, call centers world leader. <https://en-contact.com/uni-global-union-files-complaint-against-teleperformance-call-centers-world-leader/>
 - 119 T. Hals. (19 de maio de 2020). U.S. workers hit McDonald's with class action over COVID-19 safety. Agência Reuters. <https://uk.reuters.com/article/us-health-coronavirus-mcdonald-s-lawsuit/u-s-workers-hit-mcdonalds-with-class-action-over-covid-19-safety-idUKKBN22V2V8>
 - 120 P. Pattison. (26 de março de 2020). Despite coronavirus, it's 'business as usual' for World Cup workers in Qatar. Revista The Guardian. <https://www.theguardian.com/global-development/2020/mar/26/despite-coronavirus-its-business-as-usual-for-world-cup-workers-in-qatar>
 - 121 N. Lomas. (13 de maio de 2020). Deliveroo criticized over 'inadequate' PPE provision and income support for riders risking coronavirus exposure. Site TechCrunch. <https://techcrunch.com/2020/05/13/deliveroo-criticized-over-inadequate-ppe-provision-and-income-support-for-riders-risking-coronavirus-exposure/>
 - 122 R. Brandom. (26 de maio de 2020). Sick Days. The Verge. <https://www.theverge.com/21267669/instacart-shoppers-sick-extended-pay-quarantine-leave-corona-virus>
 - 123 S. Lalvani e B. Seetharaman. (12 de abril de 2020). The Personal and Social Risks that India's Food Delivery Workers Are Taking During COVID-19. The Wire. <https://thewire.in/business/covid-19-food-delivery-workers>
 - 124 H. Bottemiller Evich e L. Crampton. (12 de maio de 2020). Trump deems farmworkers 'essential' but not safety rules for them. That could threaten the food supply. Politico. <https://www.politico.com/news/2020/05/12/trump-farmworkers-essential-coronavirus-safety-250142>
 - 125 S&P Global (2020). As COVID-19 cases rise in Latin America, miners continue to ramp-up production. <https://www.spglobal.com/marketintelligence/en/news-insights/latest-news-headlines/as-covid-19-cases-rise-in-latin-america-miners-continue-to-ramp-up-production-59102000>
 - 126 A. Obhan e B. Bhalla. (18 de maio de 2020). India: Suspension Of Labour Laws Amidst Covid-19. Mondaq. <https://www.mondaq.com/india/employment-and-workforce-wellbeing/935398/suspension-of-labour-laws-amidst-covid-19>
 - 127 Interfaith Center on Corporate Responsibility. (2020). Investor statement on corona-virus response. Carta aberta. <https://www.iccr.org/program-areas/investor-action-coronavirus>.
 - 128 Oxfam América. (2020). Disposable: In the face of COVID19, the poultry industry seems willing to pay for cheap chicken with workers' lives. https://assets.oxfamamerica.org/media/documents/Disposable_Poultry_COVID.pdf
 - 129 E. Warren. (23 de junho de 2020). Warren, Booker Open Investigation into Meatpackers' Manipulation of COVID-19 Crisis to Raise Prices and Exploit Workers. Site de Elizabeth Warren no Senado. <https://www.warren.senate.gov/oversight/letters/warren-booker-open-investigation-into-meatpackers-manipulation-of-covid-19-crisis-to-raise-prices-and-exploit-workers>
 - 130 A. Lucas. (julho de 2020). CDC says 9% of meatpacking plant workers have been diagnosed with Covid-19. CNBC. <https://www.cnbc.com/2020/07/07/cdc-says-9percent-of-meatpacking-plant-workers-have-been-diagnosed-with-covid-19.html>
 - 131 A. Mano. (23 de junho de 2020). JBS ordered to test workers as more Brazil meat plants register COVID-19 cases. Agência Reuters. <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-brazil-meatpackers/jbs-ordered-to-test-workers-as-more-brazil-meat-plants-register-covid-19-cases-idUSKBN23U382>
 - 132 H. Ziady, S. Halasz e I. Kottasová. (27 de junho de 2020). The giant meatpacking company at the heart of Germany's new coronavirus hotspot. CNN. <https://www.cnn.com/2020/06/22/business/meat-plant-germany-coronavirus-outbreak/index.html>
 - 133 Oxfam América. (2015). Lives on the Line: The human cost of cheap chicken. <https://www.oxfamamerica.org/livesontheline/>
 - 134 D. Phillips. (julho de 2019). The swashbuckling meat tycoons who nearly brought down a government. Revista The Guardian. <https://www.theguardian.com/environment/2019/jul/02/swashbuckling-meat-tycoons-nearly-brought-down-a-government-brazil>

-
- 135 A. Mano. (julho de 2020). Brazil meat lobby resists rules to space out food plant workers amid pandemic. Agência Reuters. <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-brazil-meat/brazil-meat-lobby-resists-rules-to-space-out-food-plant-workers-amid-pandemic-idUSKBN24B2SX>
 - 136 Agência Reuters). Brazil's JBS says 2.2% of workers at its Goiania beef plant have COVID-19. <https://uk.reuters.com/article/health-coronavirus-jbs/update-1-brazils-jbs-says-22-of-workers-at-its-goiania-beef-plant-have-covid-19-idUKL1N2ED11I>
 - 137 Veja o relatório sobre o lobby da Tyson Foods, Inc., disponível aqui: <https://soprweb.senate.gov/index.cfm?event=getFilingDetails&filingID=F40BEC13-9661-4B3F-90BC-1904CB648F4B&filingTypeID=51>
 - 138 D. Arkin. (27 de abril de 2020). Tyson Foods chairman warns 'the food supply chain is breaking'. NBC News. <https://www.nbcnews.com/news/us-news/tyson-foods-chairman-warns-food-supply-chain-breaking-n1193256>
 - 139 F. Miles. (julho de 2020). Tyson employees' coronavirus cases draw advocates' criticism. FOXBusiness. <https://www.foxbusiness.com/markets/10-largest-tyson-foods-investors-under-fire-for-large-number-of-covid-19-cases>
 - 140 T. Escritt. (12 de julho de 2020). German meatpacker under fire for requesting government support after COVID-19 outbreak. Agência Reuters. <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-germany-abbatoir/german-meatpacker-under-fire-for-requesting-government-support-after-covid-19-outbreak-idUSKCN24D0EJ>
 - 141 Oxfam. (2020a). Food workers on the frontline of coronavirus. <https://www.oxfam.org/en/food-workers-frontline-coronavirus>
 - 142 Equity Bulls. (2020). Tata Consumer Products Ltd announces results for the quarter ended 30th June 2020. https://www.equitybulls.com/admin/news2006/news_det.asp?id=271491
 - 143 Business Standard. (13 de julho de 2020). HUL to consider special interim dividend on July 21; stock hits 10-wk high. https://www.business-standard.com/article/markets/hindustan-unilever-to-consider-special-interim-dividend-hits-10-week-high-120071300659_1.html
 - 144 Jornal Financial Times (2020) Choc waves: how coronavirus shook the cocoa market. <https://www.ft.com/content/37aa0ac8-e879-4dc2-b751-3eb862b12276>
 - 145 Iniciativa Internacional do Cacau. (1 de julho de 2020). Hazardous child labour in Côte d'Ivoire's cocoa communities during COVID-19. <https://cocoainitiative.org/news-media-post/ici-finds-higher-numbers-of-children-in-hazardous-child-labour-during-the-covid-19-lockdown-in-cote-divoire/>
 - 146 P. Siamhan e R. Trirath. (2020). Impacts of the COVID-19 Pandemic on Small-Scale Producers and Workers: Perspectives from Thailand's seafood supply chain. Oxfam e Coalizão CSO. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/impacts-of-the-covid-19-pandemic-on-small-scale-producers-and-workers-perspecti-621006>
 - 147 D. Stefov. (24 de abril de 2020). Economy & COVID-19: twin train wrecks for the women who make our clothes. Blog da Oxfam Canadá. <https://www.oxfam.ca/blog/the-twin-train-wrecks-of-the-economy-and-the-coronavirus-reflections-from-the-women-that-make-our-clothes/>
 - 148 M. Anner. (2020). Abandoned? The Impact of Covid-19 on Workers and Businesses at the Bottom of Global Garment Supply Chains. Consórcio dos Direitos do Trabalhador (WRC). <https://www.workersrights.org/wp-content/uploads/2020/03/Abandoned-Penn-State-WRC-Report-March-27-2020.pdf>
 - 149 OIT. (2020 d). COVID-19 and the textiles, clothing, leather and footwear industries. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@ed_dialogue/@sector/documents/briefingnote/wcms_741344.pdf
 - 150 E. Paton. (8 de maio de 2020). Union Garment Workers Fear 'an Opportunity to Get Rid of Us'. Jornal The New York Times. <https://www.nytimes.com/2020/05/08/fashion/coronavirus-garment-workers-asia-unions.html>
 - 151 Centro de Recursos Empresariais e Direitos Humanos (2020). Myanmar: Garment workers allege factories are using COVID-19 to dismiss union members; Inclui respostas das empresas. <https://www.business-humanrights.org/en/latest-news/myanmar-garment->

workers-allege-factories-are-using-covid-19-to-dismiss-union-members-incl-company-responses/

- 152 BHRRC. (2020b). India: Unions accuse factory producing for H&M of union busting after dismissal of 1,200 garment workers during COVID-19; Inclui comentários da H&M. <https://www.business-humanrights.org/en/india-unions-accuse-factory-producing-for-hm-of-union-busting-after-dismissal-of-1200-garment-workers-during-covid-19-incl-comments-by-hm>
- 153 As dez empresas são GAP, Inditex, H&M, VF Corporation, Kering, LVMH, TJX, Fast Retailing, Nike e Adidas. Veja a nota metodológica para obter informações mais detalhadas.
- 154 Centro de Recursos para Negócios e Direitos Humanos (11 de junho de 2020). A varejista de vestuário paga US\$ 109 milhões em dividendos após cancelar pedidos que somavam US\$ 150 milhões, deixando fornecedores e trabalhadores do setor em Bangladesh e na Coreia do Sul sem recursos para enfrentar as consequências da Covid-19. <https://www.business-humanrights.org/en/latest-news/kohls-clothing-retailer-pays-out-109m-in-dividends-after-having-cancelled-150m-in-orders-leaving-suppliers-and-garment-workers-in-bangladesh-and-skorea-to-face-the-fallout-of-covid-19/>
- 155 WRC. (2020). Covid-19 Tracker: Which Brands Are Acting Responsibly toward Suppliers and Workers? <https://www.workersrights.org/issues/covid-19/tracker/>
- 156 M. Anner. (2020). Abandoned?
- 157 Revista The Guardian (2020). Tax avoiders will receive coronavirus bailouts – we must redress this injustice. <https://www.theguardian.com/world/commentisfree/2020/mar/27/tax-avoiders-coronavirus-bailouts>
- 158 T. Bergin e L. Delevingne. (28 de maio de 2020). Exclusive: U.S. taxpayers' virus relief went to firms that avoided U.S. taxes. Agência Reuters. <https://uk.reuters.com/article/us-health-coronavirus-companies-tax-excl-idUKKBN2341ZE>
- 159 R. Dunklin, J. Pritchard, J. Myers e K. Fauria. (22 de abril de 2020). AP: Publicly traded firms get \$365M in small-business loans. Associated Press. <https://apnews.com/6c5942eec36cc43b25ad5df5afebcbfd>
- 160 G. Turner. (6 de junho de 2020). Tax avoidance, bailouts and bribery – The UK government's Corona Corporate Finance Facility. TaxWatch. https://www.taxwatchuk.org/ccff_companies/; A empresa Baker Hughes respondeu a uma solicitação de esclarecimentos da Oxfam e informou que ela é atualmente controlada de forma independente, ao contrário do que afirma o artigo citado aqui. No seu último relatório financeiro 10k, um documento que empresas americanas precisam apresentar à Comissão de Valores Mobiliários dos Estados Unidos anualmente, a empresa relatou, no entanto, que mantém subsidiárias em jurisdições que a Oxfam considera serem paraísos fiscais. Para obter mais informações sobre quais jurisdições a Oxfam considera serem paraísos fiscais, veja Tax Battles: the dangerous race to the bottom on corporate tax, em <https://www.oxfam.org/en/research/tax-battles-dangerous-global-race-bottom-corporate-tax>
- 161 Ibid.
- 162 K. Evers-Hillstrom. (24 de abril de 2020). Coronavirus stimulus spurs near-record first-quarter lobbying spending. OpenSecrets. <https://www.opensecrets.org/news/2020/04/coronavirus-stimulus-spurs-lobbying/>
- 163 A. Gangitano. (28 de abril de 2020). Meat and poultry industry groups applaud Trump for keeping processing plants open. The Hill. <https://thehill.com/business-a-lobbying/495180-meat-and-poultry-industry-groups-applaud-trump-for-keeping-processing>
- A. Myers. (23 de março de 2020). Coronavirus: NCA calls on Trump to support candy industry, UK government hires former Nestlé executive to take control of food security. Confectionary News. <https://www.confectionarynews.com/Article/2020/03/23/Coronavirus-NCA-calls-on-Trump-to-support-candy-industry-UK-government-hires-former-Nestle-executive-to-take-control-of-food-security>
- 164 M. Encarnación López. (25 de maio de 2020). The lives of Mexico's maquiladora workers are being put at risk by lax COVID-19 rules and the demands of international trade. Blog para a América Latina e Caribe da Escola de Economia de Londres. <https://blogs.lse.ac.uk/latamcaribbean/2020/05/25/the-lives-of-mexicos-maquiladora->

workers-are-being-put-at-risk-by-lax-covid-19-rules-and-the-demands-of-international-trade/

- 165 ONG Earthworks, Instituto para Estudos Sobre Políticas, Rede de Mineração de Londres, ONG MiningWatch Canada, Terra Justa, organização sem fins lucrativos War on Want e rede internacional Yes to Life No to Mining. (2020). Voices from the Ground: How the Global Mining Industry is Profiting from the COVID-19 Pandemic. <https://miningwatch.ca/publications/2020/6/2/voices-ground-how-global-mining-in-dustry-profiting-covid-19-pandemic>
- 166 E. Kopp. (17 de abril de 2020). As workers face virus risks, employers seek liability limits. Roll Call. <https://www.rollcall.com/2020/04/17/as-workers-face-virus-risks-employers-look-for-liability-limits/>
- 167 L. Ross. (2020). Cashing in on COVID: Tax Breaks, Royalties and Stimulus Loans. ONG Friends of the Earth. <https://1bps6437gg8c169i0y1drtgz-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2020/05/CashingInOnCOVID-4.pdf>
- 168 R. Mascarenhas. (19 de março de 2020). Companies flush with cash propose buybacks to lift falling stocks. The Economic Times. <https://economictimes.indiatimes.com/markets/stocks/news/companies-flush-with-cash-propose-buybacks-to-lift-falling-stocks/articleshow/74702686.cms>
- 169 Fórum Intergovernamental de Mineração, Minerais, Metais e Desenvolvimento Sustentável. (23 de abril de 2020). Mining Tax Policy Responses to COVID-19. Webinar. <https://www.igfmining.org/blog-mining-tax-policy-responses-to-covid-19/>
- 170 L. Barratt. (7 de abril de 2020). Documents reveal airline industry plan for tax breaks, subsidies and voucher refunds. Site Unearthed do Greenpeace. <https://unearthed.greenpeace.org/2020/04/07/coronavirus-airlines-lobby-for-tax-breaks-subsidies-vouchers-passenger-refunds/>
- 171 A. Lazarus. (16 de abril de 2020). 5 ways opportunistic lobbyists are using coronavirus to attack EU environmental laws. Canal de notícias META do Bureau Ambiental Europeu. <https://meta.eeb.org/2020/04/16/5-ways-opportunistic-lobbyists-are-using-coronavirus-to-attack-eu-environmental-laws/>
- 172 R. Frazin. (23 de março de 2020). Oil industry group asks Trump administration to lessen regulations amid coronavirus. The Hill. <https://thehill.com/policy/energy-environment/489128-oil-industry-group-asks-trump-administration-to-lessen-regulations>
- 173 BHRRRC. (2020c). Report argues mining industry is profiting from COVID-19 while putting workers, communities & defenders at risk; inclui respostas das empresas. <https://www.business-humanrights.org/en/report-argues-mining-industry-is-profiting-from-covid-19-while-putting-workers-communities-defenders-at-risk-including-co-responses>
- 174 S. Morgan. (1 de julho de 2020). Airlines granted huge emissions reprieve by UN compromise. Euractiv. <https://www.euractiv.com/section/aviation/news/airlines-granted-huge-emissions-reprieve-by-un-compromise/>
- 175 Oxfam América. (2018). Dollars and Sense: Corporate responsibility in the era of Trump. Briefing de imprensa. <https://www.oxfamamerica.org/explore/research-publications/dollars-and-sense/>
- 176 Site Business of Fashion. (2020). The State of Fashion 2020: Coronavirus Update — It's Time to Rewire the Fashion Industry. <https://www.businessoffashion.com/articles/intelligence/the-state-of-fashion-2020-coronavirus-update-bof-mckinsey-report-re-lease-download>.
- 177 OIT. (30 de junho de 2020). ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Quinta edição.
- 178 Instituto de Economia e Paz. (10 de junho de 2020). Global Peace Index: Global Peacefulness Falls With Sustained Rise in Civil Unrest in the Last Decade and Is Set to Worsen as Economic Impact of COVID-19 Takes Hold. <https://www.prnews-wire.com/news-releases/global-peace-index-global-peacefulness-falls-with-sustained-rise-in-civil-unrest-in-the-last-decade-and-is-set-to-worsen-as-economic-impact-of-covid-19-takes-hold-301073057.html>
- 179 Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento. (2017). Trade and Development Report 2017: Beyond Austerity: Towards a global new deal. https://unctad.org/en/PublicationChapters/trd2017ch6_en.pdf

-
- 180 C. Bradley, M. Hirt, S. Hudson, N. Northcote e S. Smit. (2020). The great acceleration. McKinsey & Company.
<https://www.mckinsey.com/~media/McKinsey/Business%20Functions/Strategy%20and%20Corporate%20Finance/Our%20Insights/The%20great%20acceleration/The-great-acceleration.pdf>
- 181 Instituição Brookings (2019). Big Tech Threats. <https://www.brookings.edu/research/big-tech-threats-making-sense-of-the-backlash-against-online-platforms/>
- 182 A. Dua, N. Jain, D. Mahajan e Y. Velasco. (5 de maio de 2020). COVID-19's effect on jobs at small businesses in the United States. McKinsey & Company.
<https://www.mckinsey.com/industries/social-sector/our-insights/covid-19s-effect-on-jobs-at-small-businesses-in-the-united-states>
- 183 B. Unglesbee. (2020). These 27 retailers could file for bankruptcy as pandemic roils the industry. Publicação digital Retail Dive. <https://www.retaildive.com/news/these-27-retailers-could-file-for-bankruptcy-as-pandemic-roils-the-industry/576982/>
- 184 OIT. (26 de junho de 2020). MSME Day 2020: the COVID -19 pandemic and its impact on small business. https://www.ilo.org/empent/whatsnew/WCMS_749275/lang--en/index.htm
- 185 (Agência Reuters). Coronavirus lockdowns shutter 522,700 Brazil businesses in two weeks. <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-brazil-bankruptcy/coronavirus-lockdowns-shutter-522700-brazil-businesses-in-two-weeks-idUSKCN24H2XR>
- 186 OIT). COVID-19 and the world of work. Terceira edição.
https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_743146.pdf
- 187 https://www.ilo.org/empent/whatsnew/WCMS_187/lang--en/index.htm
- 188 A. Dua, N. Jain, D. Mahajan e Y. Velasco. (5 de maio de 2020). COVID-19's effect on jobs at small businesses in the United States. McKinsey & Company.
<https://www.mckinsey.com/industries/social-sector/our-insights/covid-19s-effect-on-jobs-at-small-businesses-in-the-united-states>.
- 189 Oxfam. (2020b). O vírus da fome: como o coronavírus está potencializando a fome em um mundo faminto.
<https://oxfamlibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/621023/mb-the-hunger-virus-090720-en.pdf>
- 190 Coalizão Comercial de MPME da Ásia-Pacífico (2020). Covid-19 SME Impact Survey. <https://mailchi.mp/amctrade/survey-results-covid-19-sme-impact-survey>
- 191 IDB Invest. (sem data). Micro, Small and Medium-Sized Enterprises. <https://idbinvest.org/en/solutions/advisory-services/micro-small-and-medium-sized-enterprises>
- 192 L. Umulisa. (11 de maio de 2020). The economic impact of coronavirus in Rwanda: Insights from Oxfam supported Small and Medium Enterprises (SMEs). 189 oxfam.
<https://heca.oxfam.org/latest/blogs/economic-impact-coronavirus-rwanda-insights-oxfam-supported-smes>
- 193 <https://economia.ig.com.br/2020-05-22/vamos-perder-dinheiro-salvando-empresas-pequeninhas-diz-guedes.html>
- 194 OIT. (30 de junho de 2020). ILO Monitor: COVID-19 and the world of work. Quinta edição.
- 195 J.M. Barrero, N. Bloom e S.J. Davis. (2020). COVID-19 Is Also a Reallocation Shock. Instituto de Economia Becker Friedman da Universidade de Chicago.
https://bfi.uchicago.edu/wp-content/uploads/BFI_WP_202059.pdf
- 196 A. Madgavkar, O. White, M. Krishnan, D. Mahajan e X. Azcue. (15 de julho de 2020). COVID-19 and gender equality: Countering the regressive effects.
<https://www.mckinsey.com/featured-insights/future-of-work/covid-19-and-gender-equality-countering-the-regressive-effects>
- 197 R. Kocchar. (9 de junho de 2020). Hispanic women, immigrants, young adults, those with less education hit hardest by COVID-19 job losses. Centro de Pesquisas Pew.
<https://www.pewresearch.org/fact-tank/2020/06/09/hispanic-women-immigrants-young-adults-those-with-less-education-hit-hardest-by-covid-19-job-losses/>

-
- 198 A. Madgavkar et al. (15 de julho de 2020). COVID-18 and gender equality.
- 199 Ibid.
- 200 DT. Korkoyah Jr., F.F. Wreh. (2015). Ebola Impact Revealed: An assessment of the differing impact of the outbreak on the women and men in Liberia. ONU Mulheres, Oxfam Internacional, Ministério de Gênero e Desenvolvimento da Libéria, Instituto de Estatística e Serviços de Geoinformação da Libéria, Consórcio WASH da Libéria. https://www-cdn.oxfam.org/s3fs-public/file_attachments/rr-ebola-impact-women-men-liberia-010715-en.pdf
- 201 A McCord (2010). The impact of the global financial crisis on social protection in developing countries. *International Social Security Review*. 16 de abril de 2010. https://www.researchgate.net/publication/229861832_The_Impact_of_the_Global_Financial_Crisis_on_Social_Protection_in_Developing_Countries
- 202 H. Kharas (2020). What to do about the coming debt crisis in developing countries. <https://www.brookings.edu/blog/future-development/2020/04/13/what-to-do-about-the-coming-debt-crisis-in-developing-countries/>
- 203 ActionAid (2020). Who Cares for the Future. <https://actionaid.org/sites/default/files/publications/final%20who%20cares%20report.pdf>
- 204 McKinsey (2020). Closing the \$30 trillion gap: Acting now to manage fiscal deficits during and beyond the COVID-19 crisis. <https://www.mckinsey.com/industries/public-and-social-sector/our-insights/closing-the-30-trillion-gap-acting-now-to-manage-fiscal-deficits-during-and-beyond-the-covid-19-crisis>
- 205 Banco Mundial. (8 de junho de 2020). The Global Economic Outlook During the COVID-19 Pandemic: A Changed World. <https://www.worldbank.org/en/news/feature/2020/06/08/the-global-economic-outlook-during-the-covid-19-pandemic-a-changed-world>
- 206 C. Hevia e P.A. Neumeyer. (21 de abril de 2020). A perfect storm: COVID-19 in emerging economies. VoxEU e CEPR. <https://voxeu.org/article/perfect-storm-covid-19-emerging-economies>
- 207 R. Assi, D. Fine e K. Sneader. (16 de junho de 2020). The great balancing act: Managing the coming \$30 trillion deficit while restoring economic growth. McKinsey & Company. <https://www.mckinsey.com/industries/public-sector/our-insights/the-great-balancing-act-managing-the-coming-30-trillion-dollar-deficit-while-restoring-economic-growth>
- 208 Canal de notícias nacional da Índia (India TV). (17 de maio de 2020). Govt unleashes major privatization reforms for coal, defence, power distribution and space. <https://www.indiatvnews.com/business/news-govt-unleashes-major-privatisation-reforms-in-coal-defence-power-distribution-and-space-sectors-617791>
- 209 D. Hardoon. (2017). An Economy for the 99%: It's time to build a human economy that benefits everyone, not just the privileged few. Oxfam. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/an-economy-for-the-99-its-time-to-build-a-human-economy-that-benefits-everyone-620170>
- 210 Conselho Empresarial Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, (2020) The consequences of COVID-19 for the decade ahead: Vision 2050 issue brief. https://docs.wbcsd.org/2020/05/WBCSD_V2050IB_COVID19.pdf
- 211 Financial Times (abril de 2020), Virus lays bare the frailty of the social contract. <https://www.ft.com/content/7eff769a-74dd-11ea-95fe-fcd274e920ca>
- 212 L. Zamore e B. Phillips. (2020). COVID-19 and Public Support for Radical Policies. Centro de Cooperação Internacional da Universidade de Nova York. <https://cic.nyu.edu/sites/default/files/zamore-phillips-covid19-public-support-radical-policies-web-final.pdf>
- 213 Associação sem fins lucrativos Business Roundtable de Washington. (sem data). Our Commitment. <https://opportunity.businessroundtable.org/ourcommitment/>
- 214 V. Bitzer, R. Kuijpers, K. Danielsen, A. Rappoldt, I. Visser e H. Posthumus. (2020). Evaluation of the Dutch RBC Agreements 2014-2020: Are voluntary multi-stakeholder approaches to responsible business conduct effective? Instituto Tropical KIT Royal, Amsterdã. <https://www.rijksoverheid.nl/documenten/rapport-ten/2020/07/08/evaluation-of-the-dutch-rbc-agreements-2014-2020>
- 215 Ibid.

-
- Instituto MSI Integrity. (2020). Not Fit-for-Purpose: The Grand Experiment of Multi-Stakeholder Initiatives in Corporate Accountability, Human Rights and Global Governance. <https://www.msi-integrity.org/not-fit-for-purpose/>
- 216 Pacto Global das Nações Unidas. (15 de junho de 2020). Companies need to set more ambitious targets to achieve Sustainable Development Goals by 2030, United Nations Global Compact report shows. <https://www.unglobalcompact.org/news/4577-06-15-2020>
- 217 L.A. Stout. (2013). The Shareholder Value Myth. Biblioteca da faculdade de direito da Universidade Cornell. <http://scholarship.law.cornell.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2311&context=facpub>
- 218 C. Mayer. (7 de janeiro de 2020). It's time to redefine the purpose of business. Here's a roadmap. Fórum Econômico Mundial. <https://www.weforum.org/agenda/2020/01/its-time-for-a-radical-rethink-of-corporate-purpose/>
- 219 K. Raworth. (2017). What on Earth is the Doughnut?... <https://www.kateraworth.com/doughnut/>
- 220 R. Avi-Yonah. (2020). Taxes in the time of Coronovarius: Is it time to revive the excess profits tax? <https://ntanet.org/wp-content/uploads/2020/05/Reuven-Avi-Yonah-NTA-RAY-5.2020-4.pdf>. Para obter informações mais detalhadas sobre a metodologia da Oxfam e o desenho deste imposto, veja Oxfam América. (2020). Pandemic Profits Exposed: A COVID-19 Pandemic Profits Tax as one essential tool to reverse inequalities and rebuild better post-pandemic. Briefing de imprensa. <https://www.oxfamamerica.org/explore/research-publications/pandemic-profits-exposed/>
- 221 Para obter informações mais detalhadas sobre a metodologia, veja Oxfam América. (2020) Ibid. Observe que as estimativas apresentadas aqui contemplam uma linha de crédito para pesquisa e desenvolvimento (P&D) para incentivar a inovação, já que a pesquisa representa um importante investimento de capital na economia atual. Outros créditos também poderiam ser incluídos para financiar atividades social e economicamente úteis por parte de empresas no sentido de garantir, por exemplo, maiores salários para os trabalhadores, mecanismos de proteção e testes para a COVID e a manutenção de empregos. Créditos desses tipos não foram incluídos nas estimativas devido à falta de dados.
- 222 Peter Sands, diretor executivo do Fundo Global de Combate à Aids, Tuberculose e Malária apoiado pela ONU, declarou que seriam necessários US\$ 2 bilhões para satisfazer necessidades urgentes e imediatas de testes globais para o coronavírus e que US\$ 6 bilhões seriam necessários no longo prazo. M. Peel. (8 de junho de 2020). Testing Funds Shortfall Imperils Covid-19 Fight, Health Groups Warn. *Jornal Financial Times* <https://www.ft.com/content/339acc4d-9349-4c06-a74c-65f5f2353f9a>
- 223 Estimativa da Oxfam, baseada em dados fornecidos pela iniciativa "Acelerador de Acesso a Ferramentas contra a Covid" da OMS. Segundo essa iniciativa, seria necessário um financiamento total de US\$ 18,1 bilhões no período de 2020 a 2021 para a produção de ponta a ponta de 2 bilhões de doses de vacina em todo o mundo, incluindo sua pesquisa e desenvolvimento, fabricação, aquisição, distribuição e aplicação. Supondo que seja necessária apenas uma dose por pessoa ao longo do tempo, isso equivale a um custo de US\$ 9,05 por pessoa ou de US\$ 70,6 bilhões para toda a população mundial. Observe que, como o desenvolvimento da vacina ainda está em seus estágios iniciais, essa estimativa deve ser considerada como a mais próxima da realidade neste momento específico, já que esses custos dependerão de diversos fatores que não podem ser determinados neste momento. As taxas de imunização para outras doenças raramente chegam a 100% e os pacientes podem precisar de mais de uma dose para que qualquer vacina contra a COVID-19 seja eficaz ao longo do tempo. Para obter informações mais detalhadas sobre as estimativas da iniciativa "Acelerador de Acesso a Ferramentas contra a Covid-19 (ACT)" da OMS, veja: Gavi. (2020). COVAX, the ACT-Accelerator Vaccines pillar: Insuring accelerated vaccine development and manufacture. https://www.gavi.org/sites/default/files/document/2020/COVAX-Pillar-backgrounder_2.pdf.
- 224 Academia Britânica. (2020) Principles for Purposeful Business: How to deliver the framework for the future of the corporation. <https://www.thebritishacademy.ac.uk/documents/224/future-of-the-corporation-principles-purposeful-business.pdf>.
- 225 Por exemplo, veja: Frank Bold. (sem data). Projeto O Propósito das Empresas. <http://www.purposeofcorporation.org/en> Um número crescente de empresas vem reconsiderando seu propósito à luz de diferentes modelos empresariais (por exemplo,

dos modelos das empresas de benefícios, das empresas sociais, etc.), salientando diversas possibilidades para a atuação de empresas.

- 226 A Declaração Universal dos Direitos Humanos consagrou o direito de todo trabalhador a um padrão de vida adequado para a sua saúde e bem-estar e da sua família. Para atingir esse padrão, os trabalhadores precisam ganhar, em uma semana padrão, um salário suficiente para satisfazer suas necessidades básicas e proporcionar uma renda discricionária que lhes permita melhorar suas condições de vida. Oxfam, (2016) Underpaid and Undervalued: How inequality defines women's work in Asia. https://oi-files-d8-prod.s3.eu-west-2.amazonaws.com/s3fs-public/file_attachments/ib-inequality-womens-work-asia-310516.pdf.
- 227 Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (2011), Guiding Principles on Business and Human Rights https://www.ohchr.org/documents/publications/guidingprinciplesbusinesshr_en.pdf
- 228 Oxfam, (2019). In support of a comprehensive tax reform to stop corporate tax dodging and limit tax competition. <https://www.oxfamnovib.nl/Redactie/Downloads/Rapporten/Oxfam%20Policy%20Note%20BEPS%202.0.pdf>
- 229 Oxfam, (2018) Reward Work, Not Wealth: To end the inequality crisis, we must build an economy for ordinary working people, not the rich and powerful. https://www-cdn.oxfam.org/s3fs-public/file_attachments/bp-reward-work-not-wealth-220118-summ-en.pdf.
- 230 Oxfam, (2019) Forced from Home: Climate-fuelled displacement <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620914/mb-climate-displacement-cop25-021219-en.pdf>
- 231 Doherty, Haugh, et al. (2020) Creating the New Economy: Business models that put people and planet first. https://wfto.com/sites/default/files/Business_Models_Report.pdf.
- 232 M. Eulerich and B. Fligge. (2020). Aggressive Berichterstattung in Deutschen Unternehmen: Der Einfluss der Mitbestimmung auf die Ausnutzung von Bilanzierungs und Steuergestaltungsspielräumen. Institute für Mitbestimmung und Unternehmensführung, Hans-Böckler-Stiftung. [German]. https://www.boeckler.de/pdf/p_mbf_report_2020_62.pdf
- 233 S. Stranahan e M. Kelly. (2019). Mission-led employee-owned firms: The best of the best. ONG Democracy Collaborative <https://democracycollaborative.org/learn/publication/mission-led-employee-owned-firms-best-best>

TABELA: LUCROS E DISTRIBUIÇÕES DE DIVIDENDOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 DE CADA UMA DAS 32 EMPRESAS ANALISADAS NO RELATÓRIO.

Empresa	Setor	País	Lucro médio entre 2016-2019	Lucro em 2020 (últimos 12 meses)	Margem de lucro pré-pandemia	Margem de lucro durante a pandemia	Lucros excedentes durante a pandemia	Lucros durante uma pandemia passíveis de tributação	Proporção média de distribuições a acionistas entre 2016-2019	Proporção de média de distribuições a acionistas em 2020 (TTM*)
Microsoft	Tecnologia	EUA	25,46b	44,28b	25%	31%	18,82b	17,63b	112%	86%
Intel	Tecnologia	EUA	15,50b	23,66b	23%	30%	8,16b	7,48b	84%	75%
Apple	Tecnologia	EUA	52,21b	58,42b	22%	21%	6,22b	7,03b	120%	154%
Walmart	Varejo	EUA	11,22b	17,90b	2%	3%	6,68b	6,88b	126%	49%
UnitedHealth	Assistência médica	EUA	10,85b	17,10b	5%	7%	6,25b	6,45b	58%	41%
Facebook	Tecnologia	EUA	16,69b	23,52b	34%	31%	6,83b	6,08b	34%	33%
Google	Tecnologia	EUA	24,30b	31,53b	19%	19%	7,23b	5,93b	34%	86%
BHP	Mineração	Austrália	3,16b	7,96b	8%	18%	4,80b	4,71b	138%	88%
Nestlé	Bens de consumo	Suíça	9,77b	14,28b	11%	15%	4,51b	4,62b	136%	130%
Merck	Farmacêutico	EUA	5,59b	10,48b	13%	22%	4,88b	4,23b	224%	92%
CVS Health	Assistência médica	EUA	4,49b	8,26b	2%	3%	3,76b	3,79b	109%	33%
Amazon	Varejo	EUA	6,77b	13,18b	3%	4%	6,41b	3,52b	0%	0%
Procter & Gamble	Bens de consumo	EUA	9,87b	13,03b	15%	18%	3,16b	3,47b	128%	117%
Visa	Financeiro	EUA	8,77b	11,75b	46%	51%	2,99b	3,25b	108%	97%
Cisco Systems	Tecnologia	EUA	8,02b	11,21b	16%	23%	3,19b	2,93b	170%	84%
Johnson & Johnson	Farmacêutico	EUA	12,06b	15,19b	15%	19%	3,12b	2,69b	108%	96%

Home Depot	Varejo	EUA	9,74b	11,83b	10%	10%	2,09b	2,45b	123%	96%
Roche	Farmacêutico	Suíça	10,72b	13,68b	18%	21%	2,96b	2,34b	75%	75%
Oracle	Tecnologia	EUA	8,29b	10,14b	21%	26%	1,85b	1,69b	252%	227%
Deutsche Telekom	Telecomunicações	Alemanha	3,45b	4,27b	4%	5%	0,82b	0,94b	76%	92%
Reliance Industries	Energia	Índia	5,09b	5,62b	8%	8%	0,53b	0,75b	9%	12%
ASML	Tecnologia	Países Baixos	2,50b	3,25b	23%	23%	0,75b	0,65b	61%	64%
MTN Group	Telecomunicações	África do Sul	0,35b	0,95b	3%	10%	0,60b	0,59b	207%	60%
AbbVie	Farmacêutico	EUA	6,21b	6,96b	21%	19%	0,75b	0,58b	134%	106%
Novo Nordisk	Farmacêutico	Dinamarca	5,83b	6,25b	34%	33%	0,43b	0,51b	92%	86%
Telecom Italia	Telecomunicações	Itália	0,67b	1,17b	3%	6%	0,51b	0,51b	26%	37%
Crédit Agricole Group	Financeiro	França	7,21b	7,23b	21%	21%	0,02b	0,36b	28%	0%
AngloGold Ashanti	Gold	África do Sul	-,00b	0,30b	0%	8%	0,30b	0,28b	72%	24%
Tata Consultancy	Tecnologia	Índia	4,06b	4,13b	22%	20%	0,08b	0,26b	69%	84%
Power Grid Corporation of India	Energia	Índia	1,19b	1,40b	28%	28%	0,21b	0,26b	28%	42%
Pfizer	Farmacêutico	EUA	13,99b	14,17b	27%	29%	0,18b	0,23b	137%	58%
BUA Cement	Industrial	Nigéria	0,12b	0,17b	41%	35%	0,05b	0,05b	6%	8%

* TTM (Últimos 12 Meses). Uma fórmula muito comum que analistas usam para anualizar dados de meio do ano. A fórmula é a seguinte: ano fiscal 2020 (TTM) = a Fórmula é a seguinte: Ano fiscal de 2020 (TTM) = trimestre 1, trimestre 2 de 2020 + trimestres 1,2 e 4 de 2019 – trimestres 1, trimestres 2 de 2019.



OXFAM

A Oxfam é uma confederação internacional de 20 organizações que trabalham em rede em mais de 90 países como parte de um movimento global em prol de mudanças necessárias e da construção de um futuro livre da injustiça da pobreza. Favor entrar em contato com qualquer dessas organizações para obter informações adicionais ou visite o site www.oxfam.org

Oxfam América (www.oxfamamerica.org)
Oxfam Austrália (www.oxfam.org.au)
Oxfam na Bélgica (www.oxfamsol.be)
Oxfam Brasil (www.oxfam.org.br)
Oxfam Canadá (www.oxfam.ca)
Oxfam França (www.oxfamfrance.org)
Oxfam Alemanha (www.oxfam.de)
Oxfam GB (www.oxfam.org.uk)
Oxfam Hong Kong (www.oxfam.org.hk)
Oxfam IBIS (Dinamarca) (www.oxfamibis.dk)

Oxfam Índia (www.oxfamindia.org)
Oxfam Intermón (Espanha) (www.oxfamintermon.org)
Oxfam Irlanda (www.oxfamireland.org)
Oxfam Itália (www.oxfamitalia.org)
Oxfam México (www.oxfammexico.org)
Oxfam Nova Zelândia (www.oxfam.org.nz)
Oxfam Novib (Holanda) (www.oxfamnovib.nl)
Oxfam Quebec (www.oxfam.qc.ca)
Oxfam África do Sul (www.oxfam.org.za)
KEDV (www.kedv.org.tr/)

www.oxfam.org.br



OXFAM
Brasil